

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS  
**Programa de Pós-Graduação em Letras - Linguística e Língua Portuguesa**

Bárbara Molinari Ribeiro Teixeira

**A EVOLUÇÃO DOS DITONGOS NASAIS NO PORTUGUÊS E A  
ORIGEM DO DITONGO -ÃO: UM ESTUDO TEÓRICO**

Belo Horizonte  
2020

Bárbara Molinari Ribeiro Teixeira

**A EVOLUÇÃO DOS DITONGOS NASAIS NO PORTUGUÊS E A  
ORIGEM DO DITONGO -ÃO: UM ESTUDO TEÓRICO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Linguística e Língua Portuguesa.

Orientador: Prof. Dr. Marco Antônio de Oliveira.

Área de concentração: Linguística e Língua Portuguesa

Belo Horizonte  
2020

FICHA CATALOGRÁFICA

Elaborada pela Biblioteca da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

T355e Teixeira, Bárbara Molinari Ribeiro  
A evolução dos ditongos nasais no português e a origem do ditongo-ão:  
um estudo teórico / Bárbara Molinari Ribeiro Teixeira. Belo Horizonte, 2020.  
91 f.: il.

Orientadora: Marco Antônio de Oliveira  
Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.  
Programa de Pós-Graduação em Letras

1. Nasalidade (Fonética). 2. Língua portuguesa - Fonética. 3. Línguas românicas. 4. Linguística. 5. Gramática. 6. Linguagem - Fonologia. 7. Estudos de Linguagem. I. Oliveira, Marco Antônio de. II. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Programa de Pós-Graduação em Letras. III. Título.

SIB PUC MINAS

CDU: 806.90-441

Ficha catalográfica elaborada por Rosemary Socorro Hosken - CRB 6/3170

Bárbara Molinari Ribeiro Teixeira

**A EVOLUÇÃO DOS DITONGOS NASAIS NO PORTUGUÊS E A  
ORIGEM DO DITONGO -ÃO: UM ESTUDO TEÓRICO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Linguística e Língua Portuguesa.

Área de concentração: Linguística e Língua Portuguesa

---

Prof. Dr. Marco Antônio de Oliveira - PUC Minas (Orientador)

---

Prof. Dr. João Henrique Totaro - PUC Minas (Banca Examinadora)

---

Prof. Dr. Seung-Hwa Lee - FALE/UFMG (Banca Examinadora)

---

Prof. Dr. Milton do Nascimento (suplente) - PUC Minas (Banca Examinadora)

Belo Horizonte, 21 de Dezembro de 2020

## AGRADECIMENTOS

*Ao meu orientador, Marco Antônio de Oliveira, pela sabedoria compartilhada durante as orientações, pela paciência e ajuda durante todo o processo deste estudo, e por ter despertado meu interesse pela área da Fonologia. Obrigada por me impulsionar e encorajar a alcançar o melhor trabalho possível.*

*Aos professores, Juliana, Arabie, Jane, Daniella, Maria Angela e Hugo, por todo o conhecimento passado ao longo da pós-graduação e por fortalecerem meu amor pela linguística. Vocês permitiram o meu desenvolvimento na área e proporcionaram um ótimo ambiente de aprendizado.*

*Aos meu pais e irmão, meus maiores apoiadores. Vocês estiveram ao meu lado a cada etapa e nunca me permitiram desistir, mesmo nos momentos mais difíceis. Agradeço, também, a inestimável Ciça, por acreditar em mim e me alimentar após horas escrevendo.*

*Ao meu querido amigo e inigualável Rafa! Sem você esta empreitada não teria sido possível. Danke schön! Merci beaucoup! Grazie mille! Tack så mycket! Большое спасибо! Bardzo dziękuję! תודה רבה! Mulțumesc! Du bist ein großartiger Freund und Lehrer!*

*Às minhas queridas professoras, Grace e Rafaella, pela paciência e ouvido amigo nos períodos de crise. Grace, gracias por creer en mí incluso cuando yo no lo hice! Tu ayuda con la lengua española fue inestimable! Rafaella, 感谢你的友谊! 十分感谢!*

*À querida Ana Carolina, pelas sábias palavras nos momentos de dificuldade e pelos conselhos. Você esteve ao meu lado durante todo o trabalho me incentivando e me ajudando quando necessário.*

*Aos colegas de estudo, por todo conhecimento e apoio que proporcionaram durante o curso. Sempre levarei comigo os momentos de aprendizado e de descontração vividos juntos. Um agradecimento especial: Marilene, Amanda, Carlos, Washington, Adna, Gizene e Gilce.*

*Às minhas amigas, por aguentarem as ligações desesperadas e por me acalmarem nos momentos de desespero. Em especial: Anitcha, você me manteve sã ao longo de todo este processo!*

*À todos aqueles que de alguma maneira contribuíram com este projeto.*

## RESUMO

Baseando-se em uma análise teórica, este trabalho tem como objetivo elucidar a evolução dos ditongos nasais no Português, a partir do latim vulgar, e demonstrar o surgimento do ditongo *-ão*. Esse ditongo é único à língua portuguesa e a diferencia das demais línguas românicas, motivo pelo qual se empregou o Francês, o Italiano e o Espanhol, como comparativos. Dado o viés diacrônico da pesquisa, fez-se um apanhado histórico das mudanças fonéticas-fonológicas ocorridas no português desde seus primórdios latinos até a atualidade. Ademais, analisou-se as evoluções das demais línguas românicas ocidentais e suas alterações linguísticas, com o intuito de se avaliar melhor o processo do português. Os novos contextos fonológicos, gerados por essas alterações linguísticas, possibilitaram o surgimento da nasalização em algumas dessas línguas - português e francês. No caso do português, tem-se a formação de algumas terminações, como *-ão*, *-am*, *-om*, que necessitam de uma explicação, principalmente, por terem se consolidado em *-ão* ([ãw]). A partir de uma revisão das principais teorias fonológicas que procuraram explicar esse fenômeno, optou-se pela Teoria Autossegmental como a melhor para se explicar essa questão. Apoiando-se em um dos princípios desse modelo, chamado Princípio do Contorno Obrigatório (PCO), foi possível solucionar a questão de como ocorreu o surgimento e a consolidação do ditongo [ãw], além de elucidar a razão pela qual nem todas as terminações formaram ditongos nasais, embora apresentassem contextos semelhantes. Assim, comprovou-se, com o auxílio de registros históricos, o processo evolutivo dessas terminações nasais, em especial, do ditongo [ãw], no português.

Palavras-chave: Nasalização. Ditongos Nasais. Ditongo *-ão*. Línguas românicas. Português. Teoria Autossegmental. Princípio do Contorno Obrigatório.

## ABSTRACT

Based on a theoretical analysis, this work aims to elucidate the evolution of nasal diphthongs in Portuguese, from vulgar Latin onwards, and to demonstrate the emergence of diphthong *-ão*. This diphthong is unique to the Portuguese language and differentiates it from other Romance languages, which is why French, Italian and Spanish were used as comparatives. Given the research's diachronic tendency, a historical overview of the phonetic-phonological changes that occurred in Portuguese was made, going from its Latin beginnings to the present day. Furthermore, the evolution of other Western Romance languages and their linguistic changes were analysed, in order to better evaluate the Portuguese process. The new phonological contexts, generated by these linguistic changes, created the environment for the emergence of nasalisation in some of these languages - Portuguese and French. In the case of Portuguese, the formation of a few word endings, such as *-ão*, *-am*, *-om*, require an explanation, mainly due to their ensuing consolidation in *-ão* ([ãw]). After a review of the main phonological theories that tried to explain this phenomenon, the Autosegmental Theory was chosen as the best to explain this issue. Hinged on one of this model's principles, called the Obligatory Contour Principle (OCP), it was possible to solve the question of how the diphthong [ãw] emerged and consolidated, in addition to elucidating the reason why not all terminations formed nasal diphthongs, although they have originated from these new contexts. Thus, aided by historical records, the evolutionary process of these nasal endings in Portuguese was proven, in particular, of the diphthong [ãw].

Keywords: Nasalization. Nasal diphthongs. Diphthong *-ão*. Romance languages. Portuguese. Autosegmental Theory. Obligatory Contour Principle.

*melius est reprehendant nos grammatici quam  
non intelligent Populi.*

*Santo Agostinho<sup>1</sup>*

---

<sup>1</sup> [é melhor sermos criticado(s) pelos gramáticos do que não sermos compreendido(s) pelo povo.] (ILARI, 2018, p. 68)

## LISTA DE FIGURAS

<b>FIGURA 1 - Aparelho fonador .....</b>	<b>40</b>
<b>FIGURA 2 - Articulação Nasal e Oral .....</b>	<b>41</b>
<b>FIGURA 3 - Princípio de não cruzamento das linhas de associação.....</b>	<b>61-62</b>
<b>FIGURA 4 - Cantiga de Amor de D. Joan Garcia de Guilhade.....</b>	<b>78-79</b>
<b>FIGURA 5 - Trecho de <i>Os Lusíadas</i> .....</b>	<b>81-82</b>

## LISTA DE QUADROS

<b>QUADRO 1 - Divisão evolutiva do Português .....</b>	<b>26</b>
<b>QUADRO 2 - Vogais átonas após cisão do latim vulgar .....</b>	<b>29</b>
<b>QUADRO 3 - Vogais tônicas do Galego-Português .....</b>	<b>35</b>
<b>QUADRO 4 - Eliminação de encontros vocálicos .....</b>	<b>36</b>
<b>QUADRO 5 - Quadro vocálico do Português .....</b>	<b>38</b>
<b>QUADRO 6 - Vogais nasais .....</b>	<b>49</b>
<b>QUADRO 7 - Tableau 1 .....</b>	<b>58-59</b>
<b>QUADRO 8 - Origem dos ditongos nasais .....</b>	<b>68-69</b>

## LISTA DE ESQUEMAS

<b>ESQUEMA 1 - Formação <math>\tilde{V}V</math> .....</b>	<b>55</b>
<b>ESQUEMA 2 - Estrutura esquelética autosegmental .....</b>	<b>60</b>
<b>ESQUEMA 3 - Estrutura autosegmental simples .....</b>	<b>61-62</b>
<b>ESQUEMA 4 - Estrutura autosegmental complexa .....</b>	<b>63</b>
<b>ESQUEMA 5 - Processo assimilatório: Nasalização .....</b>	<b>64-65</b>
<b>ESQUEMA 6 - Processo derivacional .....</b>	<b>71</b>
<b>ESQUEMA 7 - Ditongação de rima simples .....</b>	<b>74-75</b>

## LISTA DE SIGLAS

LAT.	Latim
LAT. VUL.	Latim vulgar
PORT.	Português
FR.	Francês
IT.	Italiano
ING.	Inglês
ESP.	Espanhol
C	Consoante
V	Vogal
[ ]	Representação de fones
/ /	Representação de fonemas
>	Significa que mudou de antes para
<	Significa proveniente de
*	Quando a existência da palavra não pode ser verificada

## SÍMBOLOS FONÉTICOS USADOS

(Baseado no IPA - Alfabeto Fonético Internacional)

Consoantes	Bilabial	Lábio-dental	Dental	Alveolar	Palato-alveolar	Palatal	Velar	Uvular
<b>Oclusivas</b>	p b			t d			k g	
<b>Nasais</b>	m			n		ɲ	ŋ	
<b>Africadas</b>				ts dz	tʃ dʒ			
<b>Laterais</b>				l		ʎ		
<b>Vibrantes</b>				r				R
<b>Tepe</b>				ɾ				
<b>Fricativas</b>		f v	θ	s z	ʃ ʒ		x	
<b>Aproximantes</b>						ɥ j	w	

Vogais		Anterior		Central		Posterior	
		NA♣	A	NA	A	NA	A
<b>Alta</b>	<b>Fechada</b>	[i]	[y]				[u]
	<b>Aberta</b>	[ɪ]					
<b>Média</b>	<b>Fechada</b>	[e]	[ø]	[ə]			[o]
	<b>Aberta</b>	[ɛ]	[œ]				[ɔ]
<b>Baixa</b>	<b>Fechada</b>			[ɐ]			
	<b>Aberta</b>			[a]			[ɑ]

♣NA = Não arredondada e A= Arredondada

[a] port. casa

[ɐ] port. boneca

[ɑ] fr. gras

[e] port. mesa

[ɛ] port. sete

[u] port. uso

[ɥ] port. pato

[b] port. barco

[m] port. mas

[w] port. cinquenta

[l] port. lado

[r] esp. rico

[s] port. sapo

[z] port. zebra

[tʃ] esp. ocho

[ø] fr. <b>bleu</b> Horizonte)	[f] port. <b>faca</b>	[dʒ] port. <b>dia</b> (Belo Horizonte)
[œ] fr. <b>pleuple</b>	[v] port. <b>vaca</b>	[ʃ] port. <b>xícara</b>
[ə] fr. <b>venir</b>	[t] port. <b>tapete</b>	[ʒ] port. <b>já</b>
[o] port. <b>olho</b>	[d] port. <b>Deus</b>	[ɲ] port. <b>junho</b>
[ɔ] port. <b>fogos</b>	[n] port. <b>navio</b>	[ʌ] port. <b>filha</b>
[i] port. <b>ilha</b>	[ts] it. <b>pizza</b>	[j] port. <b>lei</b>
[y] fr. <b>fondu</b>	[dz] it. <b>mezzo</b>	[k] port. <b>capa</b>
[g] port. <b>gato</b>	[ŋ] ing. <b>eating</b>	[R] fr. <b>porte</b>
[x] esp. <b>bruja</b>	[r] port. <b>carta</b>	[θ] esp. <b>cerca</b>

### Ditongos Orais

[aw] port. <b>qual</b>	[ɛw] port. <b>réus</b>	[ɥi] fr. <b>lui</b>
[ew] port. <b>meu</b>	[wi] fr. <b>oui</b>	[iw] port. <b>partiu</b>
[wa] fr. <b>roi</b>	[ow] port. <b>gol</b>	[jɛ] fr. <b>fier</b>
[oj] port. <b>dois</b>	[aj] port. <b>mais</b>	[ɔw] port. <b>sol</b>
[uj] port. <b>fui</b>	[ɛj] port. <b>cruéis</b>	[ej] port. <b>rei</b>

### Nasais

[ã] port. <b>manhã</b> <sup>2</sup>	[ãw] port. <b>irmão</b>
[ẽ] port. <b>sempre</b>	[õj] port. <b>mãe</b>
[ĩ] port. <b>fim</b>	[ẽj] port. <b>tem</b>
[õ] port. <b>bom</b>	[õj] port. <b>limões</b>
[ũ] port. <b>um</b>	[ũj] port. <b>muito</b>
[ã] fr. <b>sans</b>	[jẽ] fr. <b>chien</b>
[ê] fr. <b>pain</b>	[wẽ] fr. <b>coin</b>
[õ] fr. <b>son</b>	
[œ] fr. <b>brun</b>	

<sup>2</sup> Muitos autores transcrevem o fonema /a/ nasal ou nasalizado como [ẽ], porém a autora optou por usar a transcrição [ã]. Vide notas 23 e 24.

# SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>15</b>
<b>2. AS LÍNGUAS ROMÂNICAS.....</b>	<b>19</b>
<b>2.1. Do Toscano ao Italiano .....</b>	<b>21</b>
<b>2.2. Do Celta para o Francês .....</b>	<b>22</b>
<b>2.3. Do Castelhana para o Espanhol .....</b>	<b>24</b>
<b>2.4. Do Galego-Português para o Português .....</b>	<b>25</b>
<b>3. O VOCALISMO NA FORMAÇÃO DAS PRINCIPAIS LÍNGUAS ROMÂNICAS...28</b>	
<b>3.1. Italiano .....</b>	<b>31</b>
<b>3.2. Francês .....</b>	<b>32</b>
<b>3.3. Espanhol .....</b>	<b>33</b>
<b>3.4. Português .....</b>	<b>35</b>
<b>3.4.1. O Galego-Português/Período Arcaico .....</b>	<b>35</b>
<b>3.4.2. Do século XIV até dias de atuais .....</b>	<b>38</b>
<b>4. A NASALIZAÇÃO NAS LÍNGUAS ROMÂNICAS OCIDENTAIS .....40</b>	
<b>4.1. A nasalização .....</b>	<b>40</b>
<b>4.2. A nasalização vocálica: aspectos fonéticos.....</b>	<b>42</b>
<b>4.3. O contexto de ocorrência da nasalização vocálica .....</b>	<b>43</b>
<b>4.4. O fenômeno nas línguas românicas ocidentais .....</b>	<b>43</b>
<b>4.4.1 Italiano .....</b>	<b>43</b>
<b>4.4.2. Península Ibérica: Espanhol .....</b>	<b>44</b>
<b>4.4.3. Gália .....</b>	<b>45</b>
<b>4.4.4. Península Ibérica: Português .....</b>	<b>47</b>
<b>5. QUADRO TEÓRICO: MODELOS DESCRITIVOS .....52</b>	
<b>5.1. Análise Arquifonêmica .....</b>	<b>53</b>
<b>5.2. Análise VV .....</b>	<b>55</b>
<b>5.3. Teoria da Otimidade .....</b>	<b>56</b>
<b>5.4. Teoria Autossegmental .....</b>	<b>59</b>
<b>5.4.1 Princípios Teóricos .....</b>	<b>61</b>
<b>5.4.2. Modelo e Representação de Análise .....</b>	<b>64</b>

<b>6. AS VOGAIS E OS DITONGOS NASAIS FINAIS NO PORTUGUÊS .....</b>	<b>67</b>
<b>6.1. A origem dos fonemas vocálicos nasais no português.....</b>	<b>67</b>
<b>6.2. As vogais e os ditongos nasais finais sob a Teoria Autossegmental .....</b>	<b>69</b>
<b>6.3. A consolidação dos ditongos nasais finais .....</b>	<b>75</b>
<b>7. CONCLUSÃO .....</b>	<b>83</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>87</b>

## 1. INTRODUÇÃO

O ser humano entende o mundo e se comunica com seus pares através da linguagem articulada. Essa comunicação é feita por meio de uma língua natural, composta por sons que buscam transmitir as idéias e emoções dentre falantes. Cada uma dessas línguas apresenta uma estrutura organizacional para esses sons e uma maneira física de reproduzi-los. A primeira é o objeto de estudo da fonologia, cuja unidade de representação é o fonema; e a segunda da fonética, cuja unidade é o fone. Os fonemas são os sons da língua, que possuem uma natureza abstrata, são determinados coletivamente e capazes de distinguir e opor diferentes vocábulos. Já os fones são os sons da fala de natureza concreta que explicitam e explicam esses sons sob um prisma articulatorio e acústico, porém eles também apresentam características variáveis e individuais ao serem produzidos por cada falante. Línguas distintas apresentam quadros fonéticos e fonológicos diferentes.

Nesse contexto, certas línguas naturais possuem segmentos que não são muito encontrados nem facilmente explicados quanto à sua origem. Dentre eles, os segmentos nasais, que podem ocorrer como vogais e/ou ditongos, configuram nesse contexto. Das línguas românicas, o Português e o Francês apresentam o fenômeno da nasalização de uma maneira fonologicamente observável, ou seja, a nasalização propriamente dita, que se manifesta como uma ressonância distintiva nas fossas nasais. Já as demais línguas apresentam esse fenômeno apenas no âmbito fonético - nasalidade -, ou não o apresentam de forma alguma.

Embora a língua portuguesa tenha a peculiaridade de ser a única a apresentar o ditongo nasal *-ão* ([ãw]) e de ser, por conseguinte, caracterizada por tal, seu caminho evolutivo não foi tão diverso daqueles percorridos pelas demais línguas românicas ocidentais. Mesmo possuindo contextos morfofonêmicos com características semelhantes, o processo de nasalização não ocorreu em todos os casos. Dessa forma, faz-se necessário uma pesquisa mais minuciosa acerca dos diferentes processos observados ao longo da evolução dessas línguas.

Ademais, a nasalização apresenta uma das questões mais controversas da fonologia do português, uma vez que, segundo Lipski (1973c), a atribuição do status mono- ou bifonêmico às vogais nasais não consegue ser completamente explicado ou comprovado pelos principais estudiosos da língua. Outra questão importante é o fato de existir uma distinção, na literatura,

entre vogais nasais, vogais nasalizadas e ditongos nasais. Isso faz com que diferentes estudiosos analisem o mesmo fenômeno sob diferentes prismas.

O presente estudo visa, por conseguinte, lançar um olhar técnico sobre a questão histórica da nasalização na língua portuguesa, em especial, sobre os ditongos nasais, sendo estes o objeto de estudo. Por não figurarem na maioria das línguas naturais, um estudo mais teórico pretende preencher uma lacuna na área da pesquisa fonológica. Assim, o objetivo principal é investigar o porquê e a forma que a nasalização ocorreu no português, especialmente, o surgimento do ditongo [ãw]. Ademais, o trabalho também conta com os seguintes objetivos específicos: analisar a evolução vocálica no português e comparar com as evoluções das línguas românicas ocidentais, compreender o fenômeno da nasalização e como ele atua nessas línguas, revisar os principais modelos teóricos que visam explicar a nasalização no português, determinar o melhor modelo descritivo a ser seguido no trabalho, apresentar a origem latina dos ditongos nasais no português e suas evoluções nas terminações nasais atuais. Para alcançar esses objetivos, esta pesquisa será subdividida metodologicamente em sete capítulos, tendo este primeiro um caráter introdutório, no qual se faz uma breve apresentação do tema a ser analisado, bem como apresenta alguns conceitos básicos.

Em seguida, o trabalho contará com um capítulo sobre as principais línguas românicas, no qual se descortina um mapa organizacional desse tronco linguístico no tempo e no espaço. Tal demonstração visa apresentar a evolução das línguas latinas a fim de apontar as diferenças e as similaridades dentre elas em relação ao processo de nasalização vocálica, em especial, o Português em relação ao Italiano, Espanhol e Francês. Levando-se em consideração a extensão do Império Romano, é de se esperar que elas não tenham se desenvolvido em uma mesma época ou de uma mesma forma. Esses territórios foram sendo conquistados ao longo de diversas campanhas militares, em diferentes épocas, e a língua latina levada para esses territórios evoluía juntamente com o império. Tem-se, também, a importante questão dos substratos linguísticos dos povos conquistados. Essas línguas não deixaram de existir com a invasão de Roma, mas, sim, continuaram a ser utilizadas em conjunto com o latim. Uma análise histórica-evolutiva dessas línguas permitirá uma visão mais completa das características linguísticas que elas desenvolveram.

Assim, passa-se para o terceiro capítulo, cujo objetivo é apresentar o vocalismo nessas línguas românicas, ou seja, o estudo de suas evoluções fonéticas a partir do latim e como os

seus sistemas vocálicos se alteraram até os dias atuais. Essa mudança vocálica sofrida por essas línguas românicas teve início no período do latim vulgar e continuou durante a formação pré-românica. Porém, é importante ressaltar que, nesta primeira passagem do latim vulgar para o pré-romance houve uma importante cisão entre elas, levando à formação de três grupos, o que será melhor explicado no capítulo correspondente. Em consequência dessas alterações fonológicas, houve o desaparecimento de algumas estruturas e a subsequente formação de novos segmentos vocálicos. Dessa forma, tem-se a base para o aparecimento da nasalização em certas línguas.

Logo após, é dedicado um capítulo à ocorrência da nasalidade vocálica nas línguas românicas ocidentais, com o intuito de demonstrar como os sons nasais surgem e operam, a mecânica envolvida e os diferentes níveis em que podem aparecer. Por ser uma característica fonológica, a nasalização apresenta certos traços distintivos<sup>3</sup>, que são utilizados para se distinguir vogais orais, vogais nasais reais e vogais nasalizadas em decorrência da presença de uma consoante nasal seguinte. Contudo, os contextos em que os segmentos de um vocábulo estão distribuídos podem influenciar seus sons no momento da fala, criando um ambiente propício para o surgimento da nasalidade. Aqui será retornada a explicação iniciada no segundo capítulo sobre as alterações vocálicas e o surgimento das nasais no português, além de mostrar quais as vogais e os ditongos nasais que as compõem.

O quinto capítulo se dedica à elaboração de um quadro teórico por meio de uma revisão dos modelos descritivos existentes, que buscarão explicar a nasalização no português. Essa revisão permite uma avaliação das proposições e das falhas de cada modelo, cujas análises são baseadas na analogia e na evolução fonética. Segundo Lipski (1973b), as teorias analógicas buscaram explicar o ditongo *-ão*, a partir de um processo de analogia no sistema verbal do português, que transformou a terminação *-ão*, antes de ocorrência limitada, em uma terminação abundante. Já as teorias fonéticas buscaram demonstrar, por meio da ditongação espontânea, o surgimento desses ditongos nasais na língua. Esses modelos visam elucidar o fenômeno, por meio do aparecimento espontâneo de semivogais no final dos vocábulos terminados com vogais nasais, como em *estam* > *estão* e *razom* > *razão* (LIPSKI, 1973b). No

---

<sup>3</sup> Na fonologia, é a unidade básica de representação e de análise de um segmento. Segundo Matzenauer (2014), estas unidades são definidas por propriedades específicas de caráter acústico e articulatório. Suas diferentes combinações levam à formação dos sons das línguas humanas.

entanto, os dois tipos de análise não conseguem esclarecer todos os pontos desse fenômeno e um modelo teórico mais atual faz-se necessário.

Sendo assim, dentre todos modelos revisados, aquele que apresenta os melhores conceitos para se explicar esse fenômeno é o da Fonologia Autossegmental. Esse modelo não-linear permite propor soluções para os pontos não explicados pelos outros modelos, como a passagem do ditongo *-om* para *-ão*. Por evoluírem a partir dos modelos lineares, os não-lineares ainda utilizam os conceitos de matrizes de traços distintivos e de segmentos. Porém, sua grande contribuição para a pesquisa fonológica é, como o próprio nome já diz, a introdução de autossegmentos. Esse modelo será aplicado no capítulo seguinte para a analisar o surgimento dos ditongos nasais no português, em especial do ditongo [õw]. Recorrendo-se aos princípios dessa teoria, sobretudo ao Princípio do Contorno Obrigatório (PCO), é possível justificar e demonstrar a maneira que a nasalização ocorreu no português, especialmente, o surgimento do ditongo *-ão*.

Dado que este trabalho tem uma explicação que faz uso de uma orientação diacrônica, o penúltimo capítulo será dedicado a uma apresentação da origem latina dos ditongos nasais no português e como esses ditongos evoluíram e se consolidaram, além de uma análise teórica do fenômeno. Mediante a análise de exemplos históricos, coletados de documentos antigos como cantigas e testamentos, será demonstrada essa evolução dos ditongos nasais. Ademais, poder-se-á propor uma solução para as mudanças sucedidas às terminações nasais latinas que culminaram no ditongo *-ão*. Por último, tem-se um capítulo conclusivo contendo um apanhado de todo o desenvolvimento do raciocínio presente neste texto, além de considerações finais.

## 2. AS LÍNGUAS ROMÂNICAS: BREVES COMENTÁRIOS

Nenhuma língua viva permanece imutável com a passagem das gerações. Uma língua que foi cristalizada no tempo já não é mais falada por uma população e seus únicos registros existentes são aqueles que não refletem completamente a língua oral. O latim é uma dessas línguas que, apesar de não mais existir em sua forma original, foi altamente difundida até evoluir nas línguas românicas atuais. Essa evolução ocorreu em diferentes períodos cronológicos e espaços regionais.

Se nos dias atuais, com toda a fácil mobilidade e acesso aos meios de comunicação, há diferentes dialetos e diferenças fonológicas entre regiões de um mesmo país; é fácil imaginar que no Império Romano a língua latina também os possuísse. Normalmente, o latim romano é subdividido em apenas dois: o latim clássico e o popular. O primeiro, que sobrevive até hoje como o latim literário, era o ensinado às elites e utilizado pela literatura. Já o chamado *sermo vulgaris*, ou latim vulgar, era a forma mais falada pela população em geral, em especial pelos soldados de Roma, e foi o que evoluiu nas línguas românicas atuais. Esse latim apresentava diferentes aspectos morfossintáticos e fonológicos em comparação ao clássico, além de ser anterior a este e não uma corruptela do mesmo como muitos acreditam (ILARI, 2018). Todavia, segundo Nunes (1930), existiu também um latim intermediário, chamado de *sermo cotidianus*, que era o falado propriamente pelas elites. Este era uma mistura do popular com o clássico, com um vocabulário mais extenso e frases gramaticalmente mais corretas e próximas da sintaxe clássica. Um aspecto relevante desse latim intermediário era o de agir como uma “barreira” às mudanças que ocorriam no *vulgaris*, ou seja, ele impedia que as alterações na fala da população se propagassem desenfreadamente (NUNES, 1930).

É importante ressaltar que a diferença entre o latim *cotidianus* e o *vulgaris* é social e não temporal. Isto é, ambos eram contemporâneos na sociedade romana, sendo apenas diferenciados por seus usuários, uma vez que o latim clássico provém de um período mais arcaico. O latim *cotidianus* pertencia à classe patricia, que era seleta, fechada e escolarizada, enquanto o latim vulgar pertencia à plebe e estava aberta a qualquer influência externa. Com a expansão do império, o latim entra em contato com as línguas dos povos dominados e passa a coexistir com elas em um sistema bilíngue (ILARI, 2018). Todavia, esse contato contínuo não significa que o latim vulgar estava em constante distanciamento do clássico, pois, como

supracitado, a presença do latim *cotidianus* fazia com que o vulgar ainda se mantivesse como Latim em vez de ser influenciado completamente pelas dialeções. Esse fenômeno ocorreu após a queda do Império Romano, com as invasões bárbaras, que permitiram que as diversas regiões da România ficassem separadas dentre si e da metrópole Roma, dando vazão e impulso à evolução do latim vulgar nas línguas românicas. Ademais, segundo Nunes (1930), com essas invasões, tem-se o desaparecimento da classe intelectual e, com ela, a barreira às mudanças operadas no *sermo vulgaris*.

Com o passar do tempo, os dialetos provenientes do latim vulgar passaram a dominar as regiões vizinhas e foram naturalmente evoluindo em diferentes línguas neolatinas. Como disse Dauzat:

Desde que a ação do poder central se enfraquece ou desaparece, desde que o laço social se relaxa, os grupos se deslocam, e cada um deles, retomando a sua autonomia, chega rápida e inconscientemente a se constituir em linguagem independente: foi o que aconteceu, por exemplo, depois da queda do império romano. (DAUZAT *apud* COUTINHO, 1976, P. 28)

Segundo Coutinho (1976), todas as línguas surgem inicialmente como um dialeto para depois se tornarem línguas próprias. Assim, por exemplo: o *francês* foi dialeto na Ilha da França; o *italiano*, na Toscana; o *espanhol*, em Castela; e o *galego-português*, na região noroeste da Península Ibérica (TEYSSIER, 2014). E apesar de terem obtido a classificação de línguas, estas não deixaram de ser também dialetos do latim.

Não obstante o ancestral comum, as línguas românicas evoluíram de maneira diferente, devido à influências externas e internas de cada cultura e povo. Apesar de terem similaridades suficientes para serem chamadas de irmãs, cada uma apresenta singularidades próprias. Dentre essas línguas as quatro mais conhecidas são o Italiano, o Espanhol, o Português e o Francês. As três primeiras são as que mais apresentam similaridades morfológicas, fonéticas, sintáticas e lexicais. Porém, a língua francesa também apresenta similaridades fonéticas com o português, principalmente na questão da nasalização. Assim, essas três línguas, consideradas irmãs do português, serão utilizadas e analisadas ao longo do trabalho a título de comparação, com o intuito de demonstrar como a evolução e o processo de nasalização do português se diferem daqueles sucedidos nessas outras línguas.

## 2.1. Da Toscana para o Italiano

A Península Itálica possui uma geografia bem delimitada, apesar de só ter se unificado na Itália atual em 1871, e uma unidade linguística forte, não obstante os vários dialetos existentes.

O dialeto originado na região que hoje chama-se Toscana, na Itália, surgiu quando o latim ainda existia como língua dominante. Isso fez com que esse dialeto, chamado *italiano*, sofresse influência não só do latim vulgar como também do clássico. Como exemplo, a pronúncia escolástica do latim permanece a mesma nessa região desde o século XI, salvo algumas exceções (CASTELLANI, 2000).

Com as invasões bárbaras, o italiano-toscano sofreu influências germânicas. A quarta influência à essa nova língua foi a chamada língua gálica-românica, do tempo de Carlos Magno, que vai persistir até o Renascimento, quando o movimento passa a ser contrário: o Italiano atua sobre o Francês (CASTELLANI, 2000).

Segundo Migliorini (2019), a evolução da língua italiana pode ser dividida em períodos seculares, exceto o primeiro que engloba 5 séculos. Primeiramente, tem-se o período do Latim ao Italiano, que se inicia no ano de 476 até o ano 960, quando se tem o primeiro texto na nova língua; os Primórdios, que se iniciam em 960 e terminam no ano 1225. Em seguida, tem-se Il Duecento<sup>4</sup>: período que compreende os anos 1225 e 1300 e engloba um sub-período chamado de Dante em homenagem a Dante Alighieri, que é chamado vulgarmente de o “pai da língua italiana”. Neste momento, há o início do período artístico, com o surgimento dos grandes escritores italianos. Com isso, inaugura-se o período chamado de Il Trecento, que abrange o século XIV e é um dos períodos de maior importância para a língua italiana, pois, neste século, atuaram três escritores (Dante, Petrarca e Boccaccio) que foram os modelos responsáveis pela unificação linguística nacional. Com a morte de Boccaccio, inicia-se o chamado século sem poesia, também chamado de Il Quattrocento, que engloba o século XV.

O próximo período, Il Cinquecento, é fomentado pela Idade Média (1492-94), mas, dada a existência de uma forte similaridade entre a última geração do século XVI e a primeira do XVII, seu término é difícil de se determinar. Assim, os filólogos, segundo Migliorini (2019), convencionaram marcar a data limite com a data do término do Concílio de Trento em

---

<sup>4</sup> Optou-se por deixar no original esse e todos os nomes dos períodos seguintes por não se ter uma tradução satisfatória.

1563. A partir desse momento, inicia-se Il Seicento, cujo término ocorre com a mudança na filosofia e na literatura em 1670. É importante ressaltar, aqui, que durante o século XVI, marcado pelos dois últimos períodos linguísticos citados, a língua italiana influenciou as demais línguas românicas devido ao seu domínio cultural, científico, artístico e marítimo na época.

Após essa época de dominação, a língua entra no período chamado de Il Settecento, que se inicia no último quarto do século XVII e termina no terceiro quarto do século XVIII. Os períodos seguintes se dividem em duas partes: Il Primo Ottocento, delimitado pela invasão francesa em 1796 e pela proclamação do Reino da Itália em 1861; e o Meio Século de Unidade Nacional, inaugurado logo após a proclamação e concluído pela entrada da Itália na Primeira Guerra Mundial.

Após essa última fase histórica, consolida-se o italiano atual, que é o idioma mais próximo do latim dentre as línguas românicas, apesar de todas as mudanças linguísticas ocorridas desde os primórdios. Dentre essas mudanças, aquela que, por óbvio, interessa ao trabalho é a evolução vocálica da língua. Há uma alteração no quadro de vogais com relação ao timbre - aberto ou fechado- em vez de manter a oposição em relação à duração - breve ou longa - como no latim. Apesar desse novo contexto vocálico, o italiano não passou por um processo de nasalização como outras línguas do grupo, como será mostrado no quarto capítulo.

## **2.2. Do Celta para o Francês**

Com a consolidação da Península Itálica, o império Romano passou a conquistar novos territórios. As legiões romanas passaram, então, a difundir a língua e cultura de Roma para outros povos. A região que hoje compõe a França era dominada pelos povos denominados Gálicos, que possuíam dialetos celtas próprios. Com a chegada e a subsequente dominação romana, o Latim passou, aos poucos, a ser a língua dominante na região. Por consequência disso, os dialetos celtas foram desaparecendo, apesar de ainda se identificar algum substrato dele no Francês atual em vários nomes de cidades na França<sup>5</sup> (VAISSIÈRE, 1996). Outro fator que contribuiu para o domínio do latim na região foi a invasão dos

---

<sup>5</sup> Ex: Amiens, Bourges, Caen, Limoges, Nanteuil, Paris, Rouen, Vernon.

bárbaros germânicos, que não possuíam uma língua ou uma cultura superior, tal como os romanos, e passaram, então, a adotar a língua dos dominados (VAISSIÈRE, 1996).

Na região norte da França atual, existiam os dialetos franceses, chamados de língua d'oïl, na sul, existiam os dialetos provençais, chamados de língua d'oc; enquanto a região sudeste era de domínio dos dialetos franco-provençais. Com o passar dos séculos, esses dialetos deixaram de coexistir para dar lugar dominante ao Francês, principalmente no âmbito literário. Esse domínio foi possível graças à dominação militar por parte dos Francos - povos germânicos que conquistaram primeiro a Ilê- de- France, e, posteriormente, apoderaram-se do restante da região (BOURCIEZ, 1956). Foi criada, assim, uma unidade territorial e administrativa, que permitiu a expansão da língua francesa.

Segundo Vaissière (1996), a história da língua francesa começa no século IX com o surgimento do *Sements de Strasburg* e pode ser dividido em: Francês Antigo (*L'ancien français*), Francês Médio (*le français moyen*) e Francês Moderno (*le français moderne*). O primeiro compreende o período entre os séculos IX e XII, o segundo entre os séculos XIV e XVI e o último inicia-se no século XVII e continua até os dias de hoje.

Ao longo dos séculos, a língua francesa passou por mudanças fonológicas e gramaticais. Uma grande mudança fonológica foi o surgimento das vogais nasais e o desaparecimento gradual da grande maioria dos ditongos. Essas mudanças estruturais na língua decorrem de uma grande influência dos dialetos germânicos, vindo com as invasões bárbaras, e da presença do substrato celta quando o latim passou a dominar a região. Segundo Bourciez (1956), a nasalização do francês teve origem no Norte devido aos hábitos fonéticos dos povos celtas, que rebaixavam o palato mole, modificando as vogais anteriores a *m* e *n*. Já segundo Ilari (2018), a influência germânica pode ser vista: no *h* aspirado - que não é mais aspirado - emprestado de palavras do francônio passando para palavras latinas; nas palavras terminadas em *-aud*, *-aut*, *-art* e *-ard*; e no desenvolvimento fonético do francês, pois, ao invadirem partes do território francês, os Francos aplicaram ao francês seus hábitos articulatorios, o que ocasionou a diferenciação de certos sons em comparação com as outras línguas românicas. Isso cria a possibilidade de se dizer que de todas as línguas românicas, o Francês é aquela que apresenta mais germanismos (WALTER *apud* VAISSIÈRE, 1996).

Além disso, o francês também teve alterações no seu quadro vocálico ao longo de sua formação, fato que a distingue das demais línguas de seu ramo por possuir vogais que as

outras não dispõem. Como o português, o francês também irá apresentar uma distinção fonológica entre as vogais orais e as vogais nasais, apesar de suas nasalizações se originarem de maneiras distintas.

### **2.3. Do Castelhana para o Espanhol**

Após a dominação da Gália, os Romanos continuaram sua expansão para o Oeste e adentraram na Península Ibérica. Porém, aqui, a conquista não transcorreu da mesma maneira que nas anteriores. A região ibérica foi a única parte da Europa Ocidental a não ser totalmente dominada pelos Romanos, pois alguns povos daquela região ainda persistiram com a sua cultura e língua. Uma delas, que existe até hoje, é o Basco (TAGLIAVINI, 1972). Apesar disso, a parte que foi dominada por Roma teve o latim como língua dominante durante o período que viveram sob o jugo do Império. As invasões das tribos germânicas não influenciaram tanto os hispano-romanos, pois estes continuaram falando latim, mas as invasões mouras (árabes) tiveram profunda influência na língua (PIDAL, 1904).

O latim hispano-românico continuou evoluindo até dar lugar ao principal dialeto da região, o Castelhana, que era falado na região de Castela, e quando esta passou a dominar as regiões vizinhas, o castelhana passou a dominar o cenário linguístico. A Espanha também possuía outros dialetos: o Asturiano, Leonês, Navarro-Aragonês, Andaluz, entre outros. Todavia a Reconquista, em 1492, e a unificação da Espanha sob uma mesma coroa permitiram a dominação do dialeto Castelhana em todo o reino (DIEGO, 1914). É importante ressaltar que o dialeto Catalão, que se originou na região sudeste da Espanha, evoluiu para uma língua própria e persiste até os dias atuais, apesar de a região também utilizar o Espanhol como língua oficial.

O castelhana tem como origem as línguas indígenas ibéricas, o latim e o celta, além de sofrer influências do germânico, do árabe, do francês, do italiano, do português e das línguas da América indígena (DIEGO, 1914). A influência árabe decorre dos 8 séculos de dominação do califado de Granada; a do francês ocorre entre os séculos XII e XIV; a do italiano durante o Renascimento (PIDAL, 1904).

Segundo Diego (1914), os principais períodos do Espanhol são: o Pré-histórico, que antecede o cultivo literário da língua; o Arcaico, que se inicia com as primeiras manifestações

da língua e engloba as obras literárias do século XII e XIII; o Pré-clássico, entre os séculos XIV e XV; o 1º período Clássico, que tem início no final do século XV e termina com a escrita de Dom Quixote (1605-1615); o 2º período Clássico, que se inicia depois de Dom Quixote e termina no final do século XVII; e, por último, o período Moderno, que tem início no século XVIII e continua até os dias atuais.

De todas as línguas românicas, o Espanhol é a que apresenta maior proximidade com o Português, o que pode ser explicado por sua proximidade geográfica e intercâmbio cultural. Porém, apesar das similaridades, a evolução vocálica do espanhol difere um pouco da do português por não apresentar distinção de timbre entre as vogais médias *e* e *o*. Além disso, o espanhol também não apresenta uma nasalização propriamente dita como o francês ou o português, mas, sim, uma ocorrência esporádica de vogais nasalizadas, decorrentes do encontro de consoantes nasais com monotongos ou ditongos orais. Palavras como *corazón*, *pronunciación*, *mañana* e *empezar* exemplificam essa nasalidade secundária, que será tratada no quarto capítulo.

#### **2.4. Do Galego-Português para o Português**

Com a divisão da província da Hispania Ulterior, pelo imperador Augusto, em Lusitânia e Bética, seguida pela cisão da parte norte do Douro da Lusitânia em Gallaecia, tem-se a criação da região que viria a ser a área linguística do galego-português (TEYSSIER, 2014).

Com a queda do império romano, grupos de invasores germânicos chegaram à região, mas sua influência na língua e cultura foi muito pequena<sup>6</sup>. Depois das tribos germânicas, a península Ibérica sofreu outra invasão, a dos muçulmanos, que se concentraram na região sul da península. Com isso, tem-se o surgimento do dialeto Moçárabe. Após a unificação de Portugal e o início da reconquista cristã, as três línguas de origem latina da península - Galego-português, Castelhana e Catalão -, que se originaram no norte, começaram a avançar para o Sul (TEYSSIER, 2014). Dado o seu isolamento no norte do Douro e na Galícia, o galego-português não sofreu muita influência do Moçárabe e passou ser a língua literária. A

---

<sup>6</sup> Apesar da influência germânica não ter alcançado o âmbito fonêmico, como no francês, muitos termos ainda subsistem no português. Ex.: guerra, roubar, bandeira, loja, banco, bordar, Cristovão, agasalho.

partir desse momento, essa forma arcaica passará por vários períodos de mudança até chegar ao Português atual.

Vários autores tentaram dividir as diferentes épocas do Português. Mattos e Silva (2015) utiliza um quadro organizado por Castro (1988) para sumarizar as diferentes propostas para a divisão da evolução do português:

**QUADRO 1 - Divisão evolutiva do Português**

Época	Leite de Vasconcelos	Serafim Silva Neto	Pilar Vqz. Cuesta	Lindley Cintra
Até s. IX (882)	Pré - histórico	Pré- histórico	Pré - literário	Pré-literário
Até 1200 (1214 -1216)	Proto- histórico	Proto - histórico		
Até 1385 - 1420	Português arcaico	Trovadoresco	Gal.-português	Port. Antigo
Até 1536 - 1550		Port. comum	Port. pré-clássico	Port. médio
Até séc. XVIII	Português moderno	Port. moderno	Port. clássico	Port. clássico
Até séc. XIX -XX			Port. moderno	Port. moderno

Fonte: CASTRO *apud* MATTOS E SILVA, 2015, p. 24

Como é possível perceber, os principais autores sobre o assunto não entraram em acordo com relação às datas e às nomenclaturas, pois cada autor utiliza um critério diferente. Não obstante, existem indícios literários que favorecem a pressuposição de uma fase inicial galego-portuguesa, seguida de outra, em que ambas as línguas já não se encontram mais unidas, tendo-se os meados do século XV como o momento dessa separação (MATTOS E SILVA, 2015).

Ainda assim, o desenvolvimento do português na Península Ibérica é um fato curioso para muitos linguistas, por se tratar de uma língua românica que, apesar de similar às suas línguas irmãs, apresenta singularidades muito fortes que a diferenciam muito das outras. Williams (1962) apresenta algumas hipóteses para esse fato: o isolamento geográfico do norte de Portugal; uma menor interferência germânica no seus primórdios formativos, o que não acarretou uma mudança na tônica das palavras; a independência política precoce do Estado português; uma crença, durante o século XVI, de que a língua portuguesa deveria ser

preservada ainda que o Espanhol fosse usado como língua literária; e por último, uma forte e crescente influência do Francês. Apesar das hipóteses explicarem, ou não, o surgimento do português, pode-se dizer que, dado o seu nascimento, o português evoluiu e se consolidou como uma forte língua, além de se expandir para várias partes do mundo.

Ao longo desse processo evolutivo, o português passou por mudanças sintáticas, morfológicas, lexicais e fonológicas, tendo estas últimas um grande impacto em sua estrutura, pois acarretou a diminuição do número de vogais orais e o surgimento da nasalização, com vogais e ditongos nasais, em especial o ditongo [õw]. Esse ditongo, tão característico da língua portuguesa, a diferencia das demais línguas românicas, pois é a única que o possui. Consequentemente, para se alcançar o momento de formação desses ditongos, é necessário um exame histórico de como o português se desenvolveu morfofonemicamente desde o latim. O próximo capítulo, portanto, irá tratar da evolução do quadro vocálico do português e das demais línguas românicas ocidentais.

### 3. O VOCALISMO NA FORMAÇÃO DAS LÍNGUAS ROMÂNICAS

Por passarem por diversas transformações ao longo de seu uso, as línguas estão em constante evolução. É de se esperar que as principais mudanças ocorram no âmbito da fonética, uma vez que os sons são os aspectos mais passíveis de serem modificados. O latim era uma língua rica em vogais, semivogais e consoantes, e, apesar desses sons não terem passado incólumes para as línguas românicas, muitos deles persistiram até hoje.

De todas essas mudanças, o vocalismo é o fenômeno que permite o estudo das alterações das vogais na evolução do Latim para as línguas românicas. O latim clássico possuía 10 vogais no âmbito fonêmico, cuja distinção era na duração, que podia ser breve ou longa. Essa duração era representada pelos diacríticos *macron* ( ¯ ) e *bracquia* ( ˇ ) - longa e breve respectivamente - e gerava as seguintes vogais: /ā, ă, ē, ě, ī, ĭ, ō, ǒ, ū, ŭ/. Essa distinção era uma característica fonológica devido à oposição entre os fonemas e subsequentemente distinção entre as palavras, como nos exemplos: *ōs* / *ōs* = osso / rosto, e *lŭtum* / *lūtus* = lodo/ amarelo (ILARI, 2018).

Porém, com o distanciamento entre o latim vulgar e o latim clássico, essa diferença de duração passa a operar, em um primeiro momento, concomitantemente com uma diferença de timbre (aberta ou fechada), para ser suplantada por ela em um segundo momento. Isso significou uma mudança não só na quantidade de vogais, mas também na qualidade dessas vogais. Entretanto, tal mudança não foi a mesma em todas as antigas regiões do império. Segundo Ilari (2018), tem-se a formação de três sistemas vocálicos, que simbolizam a primeira ruptura na evolução das línguas românicas:

1º) Abrange a área da România Ocidental - Ibéria, Gália, Récia e Dalmácia - e passa por três transformações: a junção do *i* breve com o *e* longo, do *a* breve com o *a* longo, e o *o* longo não mais se distingue do *u* breve. O sistema tem então sete vogais: *i, e, ε, a, ɔ, o, u*.

2º) Abrange a România Oriental (Dácia, atual domínio do Romeno) e passa por apenas duas das transformações anteriores, mas *o* longo continua distinto do *u* breve e tem-se a perda do *o* breve. Agora este sistema possui seis vogais: *i, e, ε, a, o, u*.

3º) Abrange a Sardenha (Sardo) e foi o sistema que mais sofreu modificações, pois a distinção entre vogais breves e longas deixou de existir, restando apenas cinco vogais: *i, e, a, o, u*.

Além dessa alteração na quantidade das vogais, o latim vulgar ainda apresentou uma mudança em relação ao acento tonal, que era determinado pela posição do acento tônico nas palavras. No latim clássico, estas podiam ser paroxítonas - caso a penúltima sílaba fosse longa - ou proparoxítona - caso a penúltima sílaba fosse breve. Por sua vez, o latim vulgar passou a ter o acento tônico determinado pela intensidade de suas sílabas, tal como se reconhece atualmente nas línguas românicas. Assim, ocorre o deslocamento de certos acentos no latim vulgar e a possibilidade do surgimento de palavras oxítonas, tão comuns no português. As modificações provocadas por esse deslocamento nas vogais em desenvolvimento resultaram na distinção qualitativa entre vogais átonas e tônicas no latim vulgar. Os três sistemas apresentados anteriormente, decorrentes dessas alterações, formam o sistema de vogais tônicas. As vogais átonas tendem a ser um grupo mais reduzido, pois ocorre uma neutralização<sup>7</sup> de timbre entre as vogais médias. Assim como mostrado acima, os três sistemas também possuíam diferentes vogais átonas e em diferentes contextos. No contexto de sílaba interna ele se apresenta como no quadro abaixo:

**QUADRO 2 - Vogais átonas após cisão do latim vulgar**

Latim Literário	ā/ǎ	ĕ	ē	ĭ	ī	ō	ō	ŭ	ū
Latim vulgar e românico	a	e		i		o		u	
Romeno	a	e		i		u			
Sardo	a	e		i		o		u	

Fonte: BASSETTO, 2013, p. 34

<sup>7</sup> A neutralização ocorre quando dois fonemas se tornam um só devido ao desaparecimento de um traço distintivo em um determinado ambiente.

Como é possível se verificar, as línguas românicas ocidentais e o sardo apresentam cinco vogais átonas internas, mas com formações distintas, enquanto o romeno apresenta quatro vogais devido ao fato de não possuir vogal /o/.

Já nas vogais átonas em posição final, a redução é ainda maior. No latim clássico, as palavras raramente terminavam em vogal, mas, no latim vulgar várias consoantes finais caíram e as palavras passaram a terminar com as mesmas cinco vogais do quadro acima. Porém, à medida que o latim vulgar evoluía na România Ocidental, as vogais átonas finais se reduziram a três - /e/, /a/ e /o/ - devido à redução das vogais *i* e *u* em /e/ e /o/ respectivamente.

Por último, há as alterações nos ditongos e hiatos no latim vulgar. O latim clássico apresentava quatro ditongos - *ae*, *au*, *oe*, *eu* - dos quais apenas o *au* apresentou certa tenacidade e resistiu à monotongação<sup>8</sup> em alguns casos. Segundo Basseto (2013), em português, o ditongo *au* é o único ponto de partida possível para o ditongo /ou/ - *tauro* > *touro*, apesar de atualmente ocorrer a monotongação, /ou/ > /o/, como nas outras línguas românicas. Além disso, um caso curioso aconteceu no território que hoje se denomina Portugal. Segundo Hricsina (2013), não houve monotongação do ditongo *au* [aw], como em outras regiões. Esse ditongo passou por um fenômeno assimilatório em que a semivogal alta [w] causou a elevação da vogal baixa [a], gerando o ditongo [ow]. Ex: *autro* > *outro*.

Houve também o surgimento de novos ditongos - como o *aj* - em decorrência da sonorização de consoantes ou da queda de certas consoantes intervocálicas. Exemplos:

<u>lat. clássico</u>	<u>lat. vulgar</u>
<i>amavi</i>	<i>amaj</i>
<i>amavit</i>	<i>amawt</i>
<i>ianuariu</i>	<i>janajru</i>

**Fonte: ILARI, 2018, p. 81**

Já com relação aos hiatos, tem-se a formação de uma única vogal a partir de hiatos com vogais iguais e o surgimento das semivogais *i* [j] e *u* [w], a partir dos hiatos do latim clássico formados por *e/i + vogal* e *o/u + vogal*.

---

<sup>8</sup> Redução de um ditongo para apenas uma vogal.

<u>lat. clássico</u>	<u>lat. vulgar</u>
<i>mortuus</i>	<i>mortus</i>
<i>line-a</i>	<i>linja</i>
<i>coagulare</i>	<i>kwagulare</i>

**Fonte: ILARI, 2018, p.82**

Grande parte dessas modificações irá persistir na evolução do latim vulgar nas línguas românicas. A seguir, será apresentada uma abordagem sobre a questão do vocalismo em algumas línguas da România Ocidental, dando-se especial atenção ao português, língua base do estudo. Essa abordagem se abrirá com o italiano, passando pelo francês e pelo espanhol, para culminar no português. Tal caminho demonstra o percurso do latim até o território do surgimento do português.

### 3.1. Italiano

Como citado no capítulo anterior, de todas as línguas latinas, o Italiano foi a língua que mais se manteve próxima ao Latim. Porém, algumas modificações vocálicas ocorreram na língua desde sua formação, a partir do latim vulgar, e merecem ser destacadas.

A acentuação tônica do italiano pode acontecer em uma das quatro últimas sílabas da palavra, porém, acentua-se graficamente a palavra apenas quando esta é oxítônica. Essa acentuação é importante para distinguir o timbre das vogais médias *e* e *o*: *e* é [ɛ], *e* [e], *ó* [ɔ] e *o* [o], uma vez que não ocorre no italiano uma redução no quadro de vogais provenientes do latim vulgar. Além disso, uma outra característica da língua é a manutenção de um grande número de palavras proparoxítonas.

O italiano possui as sete vogais tônicas, formadas a partir da redução do sistema vocálico do latim clássico para o vulgar, como descrito acima. Diferentemente do português, não ocorre a redução de vogais átonas, pois as vogais são pronunciadas da mesma maneira, tanto em posição tônica quanto átona. Contudo, as vogais átonas finais no italiano sofreram algumas alterações. A vogal /u/ passou para /o/ e se estabilizou, o *e* não sofreu alteração e manteve o seu valor pleno fechado, e houve a diferenciação entre as vogais /i/ e /e/ em posição final, principalmente devido à conjugação verbal: *tu finisci, lui finisce*. Durante o

período antigo da língua, também houve a redução do ditongo *au* em *u*, como *audire* > *udire*. Porém, alguns ditongos ainda permaneceram e outros foram formados, como em *uomo* e *pietra*,

Por último, uma característica que distingue o italiano das outras línguas aqui discutidas é o fato de não possuir o fenômeno da nasalização. O timbre aberto permanece na pronúncia da vogal antes de consoante nasal e não ocorre a nasalização acústica, mesmo em contextos tautossilábicos<sup>9</sup>, como *cantare*.

### 3.2. Francês

De todas as línguas analisadas neste trabalho, o Francês é a língua que mais apresenta diferenças fonéticas em relação às demais. Bassetto (2013) atribui a influência do substrato celta à conjugação verbal francesa e à influência germânica, no caso o superestrato franco, ao reforço do acento de intensidade. Isso permitiu a formação ditongos a partir de vogais tônicas e eliminou muitas vogais átonas finais, exceto a vogal *a*. Essas mudanças já eram percebidas no século III, e, a partir do século V, é possível se verificar a sonorização de consoantes surdas intervocálicas e seu subsequente desaparecimento, o que permitiu uma maior formação de palavras oxítonas. Este fenômeno fez com que o léxico francês se distanciasse de seus correspondentes românicos.

O acento tônico francês não distingue as palavras, isto é, não modifica o seu significado, dependendo de sua acentuação como em português, italiano e espanhol. Assim, o acento gráfico é utilizado apenas para distinguir o timbre das vogais. Com isso, as palavras sofreram um encurtamento, devido à queda das vogais anteriores ou posteriores ao acento e no final. Segundo Cohen (1950), a evolução do timbre das vogais internas dependia da posição da vogal e se ela era seguida ou não por consoante no latim. Quando a sílaba terminava em vogal, como em *maritus* > *mari* [maRi], ou terminava em consoante em francês, mas em vogal em latim, como em *mare* > *mer* [mɛR], dizia-se que ela estava livre e era aberta. Já no segundo caso, ela era chamada de travada e a vogal passaria para o timbre fechado, pois, tanto em latim quanto em francês, a queda de uma vogal não acentuada faz com

---

<sup>9</sup> Fonemas que ocorrem na mesma sílaba.

que a consoante da sílaba anterior seja seguida por outra consoante. Ex: *mortem* > *mort*, *porta* > *porte*.

Dadas as influências mencionadas acima, o sistema vocálico do francês em muito difere dos outros sistemas românicos. Além das sete vogais orais oriundas do latim vulgar, a língua também apresenta vogais anteriores arredondadas - [œ, ø, y] como em *oeuf*, *peu* e *dessus* - que não ocorrem nos outros sistemas. Destas três, a única proveniente do latim é a vogal [y] que veio do *u* longo [ū]. O francês também possui uma vogal conhecida como schwa [ə], que, segundo Cohen (1950), é chamado de *e* silencioso e é a representação de um *a* aberto, não tônico, em sílaba inicial e precedido por [k], que virou [ʃ], como em *cheval*. Outra vogal desconhecida para as outras línguas é uma variação do *a* [a] como em *gras*, que não chega a ser fechado como o *a* átono do português, mas é menos aberto que o [a].

No âmbito dos ditongos, todos passaram pelo processo de monotongação, exceto aqueles que começavam com as vogais [i, u, y]. Isso fez com que a língua ficasse apenas com os crescentes: orais - [wi], [wa], [je], [qi] como em *oui*, *loi*, *hier*, *pluie*; e nasais - [jẽ] e [wẽ] como em *bien* e *foin*. Este fato se deve à passagem dos ditongos nasais a vogais nasais, ex. *plein*: fran. antigo *plējn* > fran. atual *plẽ*. Por outro lado, o francês é a única outra língua românica que apresenta uma distinção fonológica entre vogais orais e nasais. Porém, os seus fonemas nasais são diferentes dos do português, por apresentarem um timbre aberto, ex. *bon* [bõ] vs. *bom* [bõ].

Finalmente, tem-se a questão da vogal *e* fechada, proveniente do *a* átono do latim. Suas características sonoras influenciam, em grande parte, o vocalismo do francês moderno. Durante o francês da idade média, esta vogal foi se enfraquecendo, levando ao desaparecimento de hiatos quando ela era seguida por vogal acentuada, como em *chēance* > *chance* (BOURCIEZ, 1956). Essa vogal também foi caindo, ao longo do tempo, no final de vocábulo, até não se tornar mais foneticamente discernível, pois a pronúncia de palavras como *Elle a trouvée* é igual a *Il a trouvé*, apesar de a primeira possuir um *e* a mais. Ela tende a desaparecer até em situações consecutivas dentro de vocábulo ou em conjunção de pronomes, como em *devenir* > *dev'nir* e *je le dis* > *je l'dis* (BOURCIEZ, 1956).

### 3.3. Espanhol

A língua espanhola apresenta muitas similaridades fonéticas com a língua portuguesa. Porém, uma grande diferença entre elas é que no espanhol todas as vogais são de timbre e duração médias, ou seja, não existe distinção entre vogais longas/breves ou abertas/fechadas. Assim, o acento gráfico marca apenas o acento tónico e distingue palavras homônimas.

Assim, segundo Diego (1914), o vocalismo castelhano se desenvolveu, em um primeiro momento, em um sistema de sete vogais tônicas - *i, e, ε, a, o, u* - e cinco átonas - *i, e, a, o, u*. O ditongo *ae* se reduziu em [ε] e o *oe* em [e], mas o ditongo *au* permaneceu, exceto em algumas palavras. Em um segundo momento, as vogais abertas [ε] e [o] se ditongaram em *ie* e *ue* respectivamente, como em *miedo* e *rueda*. Uma curiosidade acerca do ditongo *ue* é que ele se alternou com o ditongo *uo* durante muitos séculos na linguagem literária, causando muitos problemas para os linguistas espanhóis, como em *bonum > buono / bueno*. As outras duas vogais, *e* e *o* fechadas, juntamente com as três outras vogais médias, permaneceram iguais. No campo pós-tônico, as vogais tenderam ao desaparecimento, exceto a vogal *a* como em *espalda*. As vogais átonas finais tenderam a redução até se estabilizarem em três: *a, e, o*. Exemplos:

*armam > arma*

*patrem > padre*

*Jovīs > jueves*

*quando > cuando*

*vinŭm > vino*

**Fonte: PIDAL, 1904, p. 44-45**

Nos ditongos em espanhol, se acentua a primeira vogal nos chamados fortes, ex. *estoy*, e a segunda nos chamados fracos, ex. *ruína*. A língua conta com catorze ditongos: *aire*, *aura*, *oigo*, *bou*, *reina*, *feudo*, *gloria*, *miedo*, *premio*, *triunfo*, *quando*, *rueda*, *ruina*, *arduo*. De todos estes, apenas o ditongo *au* é proveniente do latim clássico, todos os outros foram formados no período do latim vulgar. Um ponto comparativo interessante é o fato de os ditongos *iu* e *ui* (às vezes escrito *uy*) serem crescentes no espanhol - [ju] e [wi] - e decrescentes no português - [iw] e [uj], como em *viúda* ≠ *viu* e *muy* ≠ *fui*. Houve, também, a formação desses ditongos a

partir de hiatos formados por vogais fortes seguidas de vogais fracas, ex. lat. *muria* > vulgar \**moira* > esp. *muera*.

Na questão da nasalização, o espanhol não apresenta esse fenômeno no âmbito fonológico, isto é, não há oposição entre um som nasal e um som oral. Porém o fenômeno pode ocorrer no âmbito fonético, da fala. Isto será tratado no próximo capítulo.

### 3.4. Português

Dado que este trabalho é sobre o português, é necessária uma análise mais profunda do vocalismo da língua, pois desde sua evolução do latim, o português sofreu mudanças fonológicas que o afetaram profundamente. Em comparação com a língua latina, o português possui menos vogais orais, uma vez que as vogais longas deixaram de existir, mas, por outro lado, ele possui vogais e ditongos nasais que não existiam anteriormente. Contudo, essa evolução vocálica ocorreu de forma gradual durante os diferentes períodos históricos.

#### 3.4.1. Galego-português/período arcaico

Em um primeiro momento, com a formação do galego-português, tem-se a consolidação do desaparecimento da oposição entre vogal longa e breve, iniciado no período do latim vulgar. Assim, o sistema correspondente do galego-português passa a ter sete vogais na posição tônica, no qual as distinções ocorrem devido ao timbre (abertura vocálica), principalmente entre as vogais médias. A oposição entre estas vogais é fonológica e não somente fonética, por isso se tem uma alteração do quadro vocálico em relação a quantidade e a qualidade, como pode ser visto no quadro abaixo:

**QUADRO 3 - Vogais tônicas do Galego-Português**

<b>Latim</b>	ī	ĩ ē	ě	ā ħ	ō	ō ũ	ū
<b>Galego-português</b>	i	e	ε	a	o	o	u

Fonte: MATTOS E SILVA, 2015, p. 52

Já na posição átona não final, Castro (2011) demonstra que esse antigo sistema difere muito do atual, por conservar as cinco vogais básicas do latim vulgar - *a, e, i, o, u*. Essa redução foi decorrente de uma neutralização da oposição das vogais médias altas ([e] [o]) e médias baixas ([ɛ] [ɔ]). Na esfera das vogais átonas finais, o sistema medieval manteve as mesmas cinco vogais da posição anterior. Segundo Teyssier (2014), um fonema /i/ existiu em certas conjugações verbais, como nas segundas pessoas do singular dos perfeitos (*cantasti*); mas essas formas passaram a terminar em -e no início do século XIV. O fonema /u/ também existiu em alguns textos até se fixar sua escrita em -o, devido a um resquício do latim.

Ademais, é necessário mencionar o caso da metafonía<sup>10</sup>, que influenciou o timbre das vogais tônicas *e* e *o* de certas palavras latinas, quando estas passaram para o galego-português. Como exemplo, o vocábulo *corpo* (< *cōrpu*) deveria ser pronunciado com o *o* aberto [ɔ] por ser proveniente do *o* breve latino [ɔ̆], mas devido a existência do [u] final, a pronúncia passou a ser fechada [o]. No plural e no feminino, isso não ocorre devido ao *s* e *a* final respectivamente, que possibilitaram a manutenção do timbre aberto. Ex: *mōrtu* > *morto*, *mōrtos* > *mortos*, *mōrta* > *morta* (SILVA NETO, 1979). Um segundo exemplo em português é o caso da vogal final alta, que altera a altura da vogal anterior: *esso* > *isso*, *todo* > *tudo*.

Houve também a eliminação de hiatos e a subsequente formação de encontros vocálicos em decorrência da queda de consoantes, o que gerou um aumento no número de hiatos comportados pela língua. Ex: queda do -g- de *magister* gera *maestre*, *meestre*. (Teyssier, 2014, p.34). Os únicos hiatos que persistiram foram aqueles que provinham do encontro de uma vogal central átona [ɐ] com uma vogal acentuada média recuada [o] ou alta [i, u], ex. *sair*; *aonde*. Com a evolução linguística, esses encontros vocálicos serão eliminados ou transformados em vogais únicas (monotongação), hiatos e/ou ditongos. Exemplificando:

---

<sup>10</sup> Um tipo de assimilação em que ocorre a mudança do timbre da vogal tônica para se equiparar a abertura de uma outra vogal presente no vocábulo.

#### QUADRO 4 - Eliminação de encontros vocálicos

<b>Monotongação</b>	Crise de vogais idênticas	dolore > do-or > dor
	Assimilação > crase	palumbo > pa-ombo > poombo > pombo
<b>Ditongação</b>	Semivocalização > ditongação	De-us > Dews > Dews
<b>Epêntese</b>	Epêntese vocálica > ditongação	Credo > cre-o > creio
	Epêntese consonantal	Vinu > vī-u > vinho Una > ũ-a > uma

Fonte: CASTRO, 2011, p. 159<sup>11</sup>

A nasalização da língua portuguesa remonta de um período pré-literário e é um fenômeno complexo, segundo Bourciez (1956), pois ele é menos completo no português em relação ao francês. No português, ele se estende para vogais extremas como *i* e *u* e conserva ditongos em que a segunda vogal também é ligeiramente nasalizada. Essas vogais nasais decorrem da nasalização da vogal precedente de um *n* intervocálico, que caiu ao longo dos séculos X e XI, e a vogal decorrente acabou por transferir essa característica para a vogal subsequente (WILLIAMS, 1962). O português passa a ter, então, diferentes desenvolvimentos vocálicos que dependeram da combinação das vogais, dos acentos e das consoantes subsequentes, como é demonstrado nos casos a seguir.

A) Se existiam duas vogais iguais, sendo a primeira tônica e a segunda final, elas se fundiriam em uma só e a nasalização permaneceria. Ex. *lanam* > *lãna* > *lãa* > *lã*.

B) Nos pares *a-o*, *a-e* e *o-e*, se a primeira é tônica, ela permanece nasal e evolui em ditongo nasal. Ex. *canes* > *cães*, *germānum* > *irmão*, *lectiōnes* > *lições*.

A nasalização no português regrediu e desapareceu em algumas situações com relação às vogais tônicas. Quando as vogais *õ* e *ũ* estavam perante um *a* final, elas deixavam de ser nasalizadas. Ex. *corona* > *corõna* > *corõa* > *coroa* e *luna* > *lũna* > *lũa* > *lua*. Também a vogal *ẽ* antes de *a* e *o* deixava de existir, mas ela permitiu a epêntese, que no caso é o

<sup>11</sup> Epêntese é a adição de um fonema no dentro de uma palavra.

aparecimento da semivogal [j], como em *avēna* > *avēa* > *aveia*. Por último, houve o desaparecimento do *ĩ* perante *a* e *o*, mas devido à inserção de uma consoante nasal palatal [ɲ] tem-se o seu retorno, ex. *vizinho*, *vinho*, *farinha*.

Os ditongos nasais oriundos dessas mudanças fonêmicas foram mantidos ao longo dos séculos. Mattos e Silva (2015) explica a origem dos ditongos [ãw], [ãj] e [õj] como sendo decorrente do desaparecimento dos hiatos, que colocou em contato vogais de sílabas diferentes e com timbres diferentes. Ex: *manu* > *mão*, *canes* > *cães*, *corationes* > *corações*. A formação da terminação nasal /ãw/ terá início neste período arcaico e irá se consolidar até o século XVI.

### 3.4.2. Do século XIV aos dias atuais

Nos séculos que se seguem à separação entre o galego e o português, a língua portuguesa mantém e estabiliza o quadro vocálico apresentado anteriormente, com algumas ressalvas. O português de Portugal faz uma diferenciação entre o fonema /a/ em aberto e fechado. Quando o fonema se apresenta diante de consoante nasal - *ganha*, *ama*, *cama* -, cria-se uma oposição fonológica entre [a] e [ɐ]. Essa oposição também ocorre nas conjugações verbais das primeiras pessoas do plural no presente e passado, *-ámos* e *-amos* respectivamente. Assim, o sistema vocálico do português europeu passa a ter oito vogais orais ao invés de sete, como o brasileiro. No português brasileiro, essa variação do fonema /a/ é tratada como alomorfa, ou seja, [a] e [ɐ] são alofones de /a/ e variam dependendo de sua posição silábica, mas mantêm o mesmo significado.

Com relação à acentuação, segundo Camara Jr. (1977), vários vocábulos no português se distinguem através da sílaba tônica, como exemplo: *sábia* - *sabia* - *sabiá*, e essa acentuação pode ocorrer na última (oxítone), na penúltima (paroxítone), ou na antepenúltima (proparoxítone) sílaba. Por isso, o português atual trabalha com cinco fonemas - /a, e, i, o, u/ - que podem ser distribuídos em 4 quadros vocálicos diferentes, dependendo da posição - tônica ou átona - que ocupam na palavra.

### QUADRO 5 - Quadro vocálico do Português

<b>Vogais tônicas</b>	/a/, /e/, /ɛ/, /i/, /ɔ/, /o/, /u/
<b>Vogais átonas pré-tônica</b>	/a/, /e/, /i/, /o/, /u/
<b>Vogais átonas pós-tônicas</b>	/a/, /e/, /i/, /u/
<b>Vogais átonas finais</b>	/a/, /i/, /u/

Fonte: CÂMARA JR., 1977, p.59 e CÂMARA JR. *apud* BISOL, 2014, p. 167-169.

Como no período anterior, a diferença entre as vogais tônicas e átonas pré e pós-tônicas é uma neutralização da oposição entre as vogais médias, devido a uma pronúncia mais débil. Já as vogais átonas finais são as que possuem a pronúncia mais fraca e uma abertura menor, por isso se reduzem a apenas três vogais. Diz Teyssier (2014, p.101): “*O conservadorismo do português do Brasil, no que se refere às vogais átonas, é, pois, um dos pontos que mais o distinguem hoje do português europeu.*”

Com relação aos encontros vocálicos, alguns hiatos produziram ditongos. Para Coutinho (1976), quatro causas contribuíram para essa formação de ditongos: a) a epêntese de uma vogal, ex. *credo* > *creo* > *creio*; b) a queda ou síncope do fonema medial, ex. *lege* > *lei*; c) a sonorização ou transformação de consoante em vogal, ex. *facto* > \**faito* > *feito*; d) transposição de fonema, ex. *primariu* > \**primairo* > *primeiro*. Assim, os hiatos *a-e* e *a-o* geraram os ditongos *ae* [aj] e *ao* [aw], já existentes na língua. Porém, os hiatos /ɔ-e/, /ɛ-ɛ/ e /ɛ-o/ deram origem a três novos ditongos: -*ɔe* [ɔj], -*ɛe* [ɛj] e -*ɛo* [ɛw]. Ex: lençóis, cruéis e réus. Dessa forma, o quadro de ditongos passa a ter onze ditongos orais no total: [aj], [aw], [ej], [ɛj], [ɛw], [ew], [iw], [ow], [oj], [ɔw], [uj].

No próximo capítulo, será discutido o fenômeno base do estudo: a nasalização e a sua ocorrência nas línguas românicas ocidentais, em especial no português. Dada a presença opcional da nasalidade no italiano e no espanhol, e obrigatória no francês e no português, é necessária uma análise de como a evolução vocálica de cada uma dessas línguas, vista neste capítulo, influenciou esse processo nas mesmas.

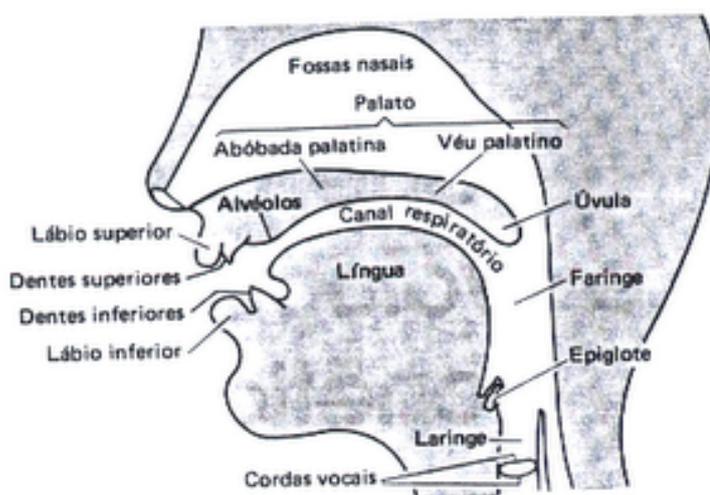
## 4. A NASALIZAÇÃO NAS LÍNGUAS ROMÂNICAS

Em virtude dos capítulos anteriores, pôde-se verificar que os caminhos trilhados pelas línguas românicas ocidentais, desde seus primórdios até os dias atuais, foram, por ora, semelhantes, por ora, distintos. As alterações morfofonêmicas, ocasionadas por suas evoluções vocálicas e consonantais, criaram um cenário propício para desencadear um processo de nasalização. Todavia, isso não se concretizou em todas as línguas desse grupo. Assim, neste capítulo, será feita uma análise do processo em si, para depois estendê-la às línguas consideradas no trabalho.

### 4.1. Nasalização

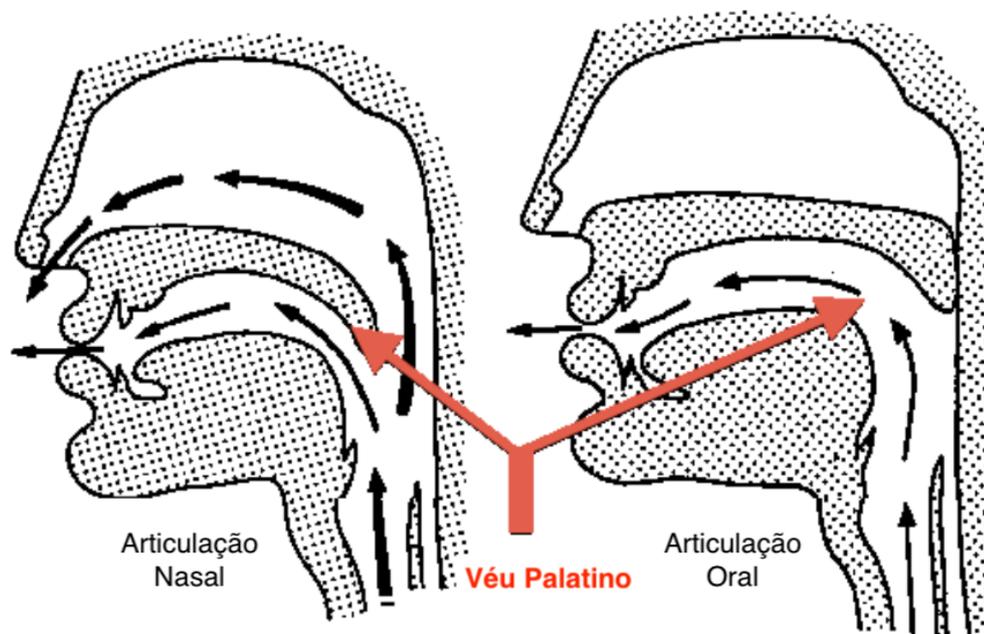
A nasalização é um fenômeno fonético-fonológico que intriga linguistas por ser um fato conhecido mecanicamente, mas sem uma explicação evolutiva única. Quase todas as línguas naturais possuem alofones fonéticos nasais, mas o mesmo não pode ser dito dos fonemas vocálicos nasais, que implicam em oposições distintivas entre estes e os fonemas vocálicos orais. A nasalização ocorre quando o véu palatino se abaixa e permite a entrada de ar na cavidade nasal (Figura 1).

**FIGURA 1 - Aparelho Fonador**



**FONTE: [HTTP://ITAFONO.BLOGSPOT.COM/2013/01/FONETICA-E-FONOLOGIA.HTML?M=1](http://ITAFONO.BLOGSPOT.COM/2013/01/FONETICA-E-FONOLOGIA.HTML?M=1)**

**FIGURA 2 - Articulação Nasal e Oral**



**Fonte:** Adaptado de <http://french.mimicmethod.com/nasal-vowels.html>

Essa mudança na configuração da cavidade bucal permite a ressonância do ar nas fossas nasais, que provoca a alteração do som oral para o som nasal, ou seja, uma alteração na qualidade da vogal (Figura 2). Contudo, a explicação da razão pela qual certas línguas desenvolvem essa característica e outras não ainda gera discussões entre os principais estudiosos. Isso é especialmente curioso quando se analisam línguas de um mesmo ramo, como o Românico, e é possível perceber que apenas algumas línguas apresentam essa característica, como o francês e o português.

Primeiramente, é importante diferenciar a ocorrência desse fenômeno, que pode acontecer em dois níveis: primário ou secundário (CÂMARA JR.,1977). O primeiro é a nasalização propriamente dita e é decorrente de uma oposição entre as vogais orais e nasais. Essa oposição se consolida no âmbito fonológico e é tida como um traço distintivo, pois uma mudança nele acarreta uma mudança no significado do vocábulo, como em *lã* e *lá*. O segundo nível é chamado de nasalidade por Silva (2015), e ocorre quando uma vogal oral é seguida de uma consoante nasal, causando uma nasalização no momento da fala, ou seja, uma nasalização

apenas acústica. Esse nível se manifesta apenas no âmbito fonético e pode marcar variação dialetal, como o dialeto nordestino no Brasil, ou também causar a sensação de nasalização em línguas como o espanhol - ex. *información*, em que ela se manifesta na forma de alofones<sup>12</sup> nasalizados.

#### 4.2. A nasalização vocálica: aspectos fonéticos

Os dois níveis apresentados acima estão ligados a noções acústicas e articulatórias, que implicam duas esferas: a fonológica e a fonética. A nasalização primária alcança a esfera fonológica, que é mais interpretativa. A fonologia analisa o valor dos sons produzidos pela fonética e cria um quadro fonêmico para uma língua. Esse quadro determina o valor e a função linguística que os sons irão desempenhar dentro do sistema linguístico. Os fonemas presentes nesse quadro possuem uma oposição distintiva entre eles, o que permite uma mudança de sentido nos vocábulos, caso eles se alterem.

Por sua vez, a esfera fonética é mais descritiva e permite uma análise articulatória e acústica da produção da fala. Os fones provenientes dessa análise descrevem quais são os processos e mecanismos envolvidos na formação dos sons de uma língua. Porém, esses sons devem ser interpretados dentro do contexto sistêmico da língua, uma vez que, uma mudança neles pode acarretar uma alteração na percepção sonora dos mesmos e uma mudança de significado.

Essas esferas agem em conjunto para determinar os vocábulos de uma língua e gerar compreensão nos ouvintes. Cagliari (2008) exemplifica isso, em português, com a alternância das vogais /a/ e /ã/, como em *sá* [sa] e *sã* [sã]. Essas vogais são foneticamente distintas e possuem funções diferentes, o que implica uma oposição fonológica e uma mudança de sentido nos vocábulos. Contudo, uma mudança sonora pode ocorrer no âmbito fonético sem impactar o âmbito fonológico, a exemplo da palavra *camareira*, em que pode ocorrer qualquer uma das duas vogais *a*, sem que haja alteração no sentido. Dessa forma, as vogais são foneticamente semelhantes às do exemplo anterior, mas desempenham uma função diferente, pois, neste último, não existe uma função distintiva e seu valor fonológico permanece igual.

---

<sup>12</sup> Os alofones acontecem quando um fonema possui mais de uma manifestação acústica, ou seja, fonética. Eles também não alteram a quantidade de fonemas de uma língua, pois não ocorrem em um mesmo contexto. Ex. /t/ em português se manifesta como [t] perante [a, e, o, u] e como [tʃ] perante [i].

Por conseguinte, ambas as esferas contribuem para a formação dos contextos que serão analisados a seguir.

### **4.3. O contexto de ocorrência da nasalização vocálica**

Para se produzir uma fala, é necessário a articulação de uma série de sons que se encontram inseridos em um contexto fonológico, que é constituído por segmentos formados pelos fonemas. Quando esses fonemas se combinam para formar vocábulos, os segmentos que os antecedem ou seguem podem causar alterações em suas acústicas. Segundo Cagliari (2008), esse contexto exerce uma força sobre os sons, que tem por finalidade diferenciá-los ou assemelhá-los aos seus vizinhos, ex. *canta x cata, mundo x mudo*.

No caso da nasalização, um processo assimilatório ocorre devido a antecipação dos órgãos articulatórios na formação de sons nasais. Nesse caso, o ambiente fonológico pode permitir a ocorrência do fenômeno no âmbito fonético, como é o caso do espanhol, sem que isso implique numa oposição fonológica na língua. Quando uma vogal é seguida de uma consoante nasal, é possível que ocorra uma nasalização dessa vogal no momento da fala, devido à assimilação do traço nasal da consoante pela vogal. Ex: *instrucción*. No caso da nasalização primária, o contexto não só permitiu a ocorrência do fenômeno como também foi o responsável pela formação da oposição fonológica ,que surge entre as vogais orais e nasais, como em *seda x senda*.

### **4.4. O fenômeno nas línguas românicas ocidentais**

Como já mencionado anteriormente, nem todas as línguas românicas apresentam a nasalização em suas fonologias. Depois da primeira cisão do sistema vocálico, comentado no capítulo anterior, o grupo da România Ocidental sofreu outra cisão fonológica: a nasalização. Por volta do século X, o francês e o português começaram a apresentar mudanças fonéticas nas pronúncias das vogais que eram sucedidas por consoantes nasais. Essas mudanças foram evoluindo ao longo dos séculos seguintes até se estabilizarem e alterarem o quadro fonológico de suas vogais e ditongos. O mesmo não pode ser dito do italiano e do espanhol, que, apesar

de apresentarem contextos fonológicos semelhantes, não dispõem desse fenômeno nasal obrigatoriamente.

#### 4.4.1. Italiano

Na Península Itálica não houve o processo de nasalização. Uma possível explicação é o fato de as vogais italianas serem pronunciadas com o timbre mais aberto, independentemente de sua posição no vocábulo. Isso dificultaria um fechamento da vogal perante uma consoante nasal e uma posterior nasalização da mesma. Vale ressaltar que as vogais e ditongos nasais franceses são todos abertos, o que invalidaria a proposição anterior. Porém, o percurso da nasalização francesa, que será melhor detalhado a seguir, passou pelo fechamento da vogal anterior a consoante nasal, para depois passar para o timbre aberto. Por isso, essa é uma importante distinção entre as pronúncias italianas e das demais línguas, como pode ser verificado no seguinte exemplo:

it. *canzone* [kan'tsone]

esp. *canción* [kanθ'jon]

fr. *chanson* [ʃãsõ]

port. *canção* [kãs'õw]

**Fonte:** Le Petit Robert de la Langue Française, Lo Zingarelli, Dicionario de la Real Academia Española, Dicionário Michaelis

O exemplo acima demonstra a não ocorrência da nasalização no italiano e sua opcionalidade no espanhol, em contraponto à sua obrigatoriedade no português e no francês. Um fato curioso é que, embora exista essa opcionalidade no italiano, a nasalidade fonética não ocorre, mas no espanhol ela pode ser percebida em diferentes graus. A oralidade dos fonemas vocálicos do italiano é muito marcante, mesmo em contextos propícios para a nasalidade, como em *cantante* [kan'tante], *pane* [p'ane], *(loro) cantano* [k'antano]. O mesmo não acontece no espanhol, como será visto a seguir.

#### 4.4.2. Península Ibérica: Espanha

Na península ibérica originaram-se os países Portugal e Espanha, mas como foi dito anteriormente, a formação das línguas portuguesa e espanhola seguiram caminhos diferentes em algumas ocasiões. Segundo Mattos e Silva (2015), o desaparecimento da consoante nasal alveolar simples [n], em posição intervocálica na evolução do latim, é uma característica fonética dos dialetos do noroeste da península ibérica, de fato, do galego-português. Isso permitiu uma diferenciação fônica entre este e os demais dialetos, como o leonês, o castelhano, o aragonês, dentre outros; em decorrência do traço nasal da vogal remanescente que precedia a consoante nasal e expandia esse traço à vogal seguinte.

O castelhano, que viria a se transformar no espanhol atual após absorver os outros dois dialetos falados na região, o Leonês e o Navarro-Aragonês (PIDAL, 1904), manteve o *n* intervocálico desde sua evolução do latim vulgar. Porém, quando se pronunciam certas palavras em espanhol - *enfermo, gente, tonto, San Juan, mano* - percebe-se uma sonoridade nasal, muitas vezes intensa. Essa nasalização que se percebe hoje pode ser explicada como um fenômeno de assimilação do traço nasal da consoante nasal pela vogal oral, que a precede no momento da fala. Isso significa que não existe uma oposição fonológica entre sons orais e nasais na língua, ou seja, a língua espanhola não possui vogais nasais em seu quadro de fonemas. No entanto, dado o ambiente fonológico de alguns segmentos da fala, modifica-se o som da vogal que precede uma consoante nasal. Assim, pode-se chamar esta característica de nasalidade, pois ela carece das típicas ressonâncias das vogais nasais que ocorrem em outras línguas, como o português, mas ainda produz o efeito acústico da nasalização. Essa nasalidade também pode ser estendida para outras consoantes nasais, como em *empezar, España*, e são nesses contextos que ela pode se manifestar em diferentes graus: *canción* > [kanθ'jon] ou [kãθ'jon] ou [kãθ'jõ]. Contudo, a questão da opcionalidade no espanhol deve ser entendida sob um prisma acústico e coarticulatório, pois, segundo Solé (1992, *apud* Goodin-Mayeda, 2011), o processo de nasalização do espanhol não é fonológico, e sim um *output* fonético decorrente de restrições fisiológicas temporais envolvidas no abaixamento do véu palatino. Ao contrário do que ocorre no francês, por exemplo, em que o processo de nasalização decorre de representação contrastiva entre as vogais nasais e orais.

#### 4.2.3. Gália

Com a formação do francês antigo a partir do latim vulgar, por volta do século IX, as consoantes nasais - *m* e *n* - começaram a agir no timbre das vogais que as precediam. Um dos fenômenos que decorreram foi a nasalização dessas vogais.

Inicialmente, durante a idade média, ocorreu o fechamento das vogais *e* e *o* anteriores à vogais nasais. A vogal *a* apresentou um traço mais velar perante nasal travada, e ditongou em [aj] perante nasal livre - *panem* > *pain* - e em [aw] perante nasal mais consoante - *Fraunce* > *France*. Segundo Cohen (1950), neste período, tem-se o surgimento da semivogal [j], muitas vezes a partir de uma alteração de [k, g] e de um hiato latino em *i*, que tem um papel importante na língua, por se combinar com vogais e formar os ditongos orais e nasais, como em *pain* - [pãj<sup>n</sup>] e *fier* - [ffeR].

No período moderno, a evolução das vogais e ditongos nasais continuou notavelmente. As vogais *i* e *u* nasalizaram e passaram a ter o som aberto de [ɛ̃] e [œ̃] - ex. *demain* e *parfum*. O ditongo nasal [ɛ̃j] - anteriormente o ditongo [ãj] - sofreu uma redução para [ɛ̃] como em *teindre*; e a nasal [œ̃] formou um ditongo nasal [wɛ̃], como nas palavras *coin*, *rejoindre*. Outro ditongo que se nasalizou foi o [jɛ], como em *canis* > *chenet* > *chien* - [jɛ̃]. A partir do francês médio, as consoantes *m* e *n*, que estavam em posição final e eram precedidas por vogal nasalizada, deixaram de ser pronunciadas, exceto em alguns dialetos na região central do país. Palavras como *ventre*, *bon*, *comtesse* e *plain* ainda eram escritas com as consoantes, mas na pronúncias elas caíam: [vãtR, bõ, kõtɛs, plɛ̃] respectivamente.

Assim como ocorreu no português, algumas vogais nasais reverteram ao estado inicial de oralidade no período clássico. As consoantes *n* e *m* continuaram sendo articuladas quando precedidas por vogal nasal e sucedidas por vogal *e* fechada - que, em um primeiro momento, permaneceram sendo pronunciadas. Após um período de pronúncia nasalizada, essas vogais nasais perderam seu traço nasal e voltaram a ser orais. Exemplos:

*flamme* > [flãme] > [flam]

*couronne* > [korõne] > [kurõn]

*laine* > [lɛ̃jne] > [lɛn]

*veine* > [vɛ̃jne] > [vɛn]

*femme* > [fãmme] > [fam]

**Fonte: BOURCIEZ, 1956, p. 643**

Uma consequência importante dessa desnasalização foi a grande distinção na pronúncia de algumas palavras masculinas e femininas, que no gênero masculino nasalizam a vogal e no feminino mantêm a consoante nasal e não nasaliza a vogal. Ex:

*bon* - [bõ] ≠ *bonne* [bɔn]  
*garçon* - [gaʁsõ] ≠ *garçonne* [gaʁsɔ]

Atualmente, a língua francesa conta com quatro vogais nasais - [ã, õ, œ, ê]- e dois ditongos nasais - [jê, wê]. Sendo assim, como já mencionado no capítulo anterior, Bourciez (1956) diz que a nasalização do francês é mais completa do que a do português. Isso se deve ao fato de a língua francesa ter continuado a evolução da sua nasalização: com a abertura de timbre após um período inicial de fechamento e com a monotongação da maioria dos ditongos nasais. Isso leva a um traço interessante no francês, que é a questão dos ditongos serem apenas crescentes, inclusive os nasais. Como se verá a seguir, este é o maior ponto de distinção entre a nasalização francesa e a portuguesa.

#### 4.4.4. Península Ibérica: Português

A questão das vogais e ditongos nasais no português dividem muito os linguistas, sendo várias as teorias concebidas para explicar esse fenômeno, principalmente pelo fato de a língua portuguesa ser a única do ramo românico que é caracterizada pelo ditongo /ãw/ e ser fortemente reconhecida por seus fonemas nasais. Ademais, o português apresenta a dificuldade de se diferenciar vogais nasalizadas, devido a dialetações - ex. *cana* nas variantes nordestinas - das vogais e ditongos nasais propriamente ditos - ex. *bom, limão, cantam*.

Segundo Williams (1962), a nasalização das vogais no português tem sido atribuída à influência celta e é formada por uma consoante nasal, em qualquer posição na palavra antecedida por uma vogal oral. Isso causa a nasalização da vogal, que permanece nasalizada, mesmo após a consoante nasal deixar de existir.

Hricsina (2013) vai além e diz que a nasalização do português surge a partir de uma regressão, com a consoante nasal influenciando a vogal precedente. Essa nasalização pode ocorrer em quatro contextos: a) consoante em posição intervocálica (presente), ex. *anual*,

*amor* (dialetal, como o dialeto nordestino); b) consoante em posição intervocálica (não-presente), ex. *leones* > *leões*; c) em posição implosiva<sup>13</sup>, ex. *cantar*; *pente*; d) em posição implosiva no final de vocábulo, ex. *bom*, *vem*.

Como foi explicado anteriormente, a formação das vogais e ditongos nasais no português teve início no século X e foi consolidada no século XVI. A queda de consoantes intervocálicas provocou a formação de hiatos nasais, que, quando constituídos por vogais semelhantes, levou à monotongação nasal pelo processo de crase. Esse processo está exemplificado abaixo e será melhor elucidado no sexto capítulo.

*germana* > *irmãa* > *irmã*

*lana* > *lãa* > *lã*

*mattiana* > *maçãa* > *maçã*

*bonu* > *bõo* > *bom*

*sonu* > *sõo* > *som*

*donu* > *dõo* > *dom*

Fonte: FONTE, 2011, p.29

Lipski (1975) afirma que as vogais nasais reais, isto é, aquelas que apresentam oposição fonêmica em relação as vogais orais correspondentes, só ocorrem, foneticamente, antes de uma consoante nasal ou em final de palavra. Ex: *lã* - *lá* e *tampa* - *tapa*. O autor ainda afirma que as modificações que resultaram na vogal nasal apontam para um processo de nasalização não finalizado, concordando com Bourciez (1956). Lipski fala que é possível uma análise das palavras terminadas em vogal nasal como contendo uma consoante nasal final subjacente, exemplificado pela alternância da pronúncia rápida de algumas expressões como *quem é?* - [kẽjɛ] vs. [kẽɲɛ].

Assim, o português atual conta com 5 vogais nasais, como no quadro abaixo:

## QUADRO 6 - Vogais nasais

<sup>13</sup> Fechando sílaba.

	Anterior arred. arred.	Não	Central arred. arred.	Não	Posterior arred. arred.	Não
<b>Alta</b>		ĩ			ũ	
<b>Média</b>		ẽ		(ẽ)	õ	
<b>Baixa</b>				ã		

Fonte: SILVA, 2015, p. 91<sup>14</sup>.

É possível perceber que não existe distinção entre vogais nasais médias-altas e médias-baixas, como há entre as vogais orais no português, sendo todas fechadas. Esse fato distingue a língua portuguesa da francesa, cujas nasais são abertas. Huber (1986) aponta que esta diferença ocorre devido ao fato de o véu palatino se afastar menos da parede nasal nos sons do português.

Além dessas, o português também apresenta cinco ditongos nasais, [ɐ̃j, õj, ãw, ẽj, ũj], que, segundo Silva (2015), são sempre decrescentes, por serem uma sequência de vogal nasal seguida de glide/semivogal. Normalmente, os ditongos [ɐ̃j, ũj, õj] ocorrem em posição tônica, enquanto os ditongos [ãw e ẽj] podem ocorrer em posição tônica ou átona, como nos exemplos abaixo:

[ɐ̃j] mãe, cães

[õj] limões, leões

[ãw] mão, chão

[ẽj] bem, vem

[ũj] muito, ruim

A formação desses ditongos provém da queda do - *n* - intervocálico e posterior ditongação dos hiatos subsequentes. De todos os ditongos, o [ãw] é aquele que apresenta maior peculiaridade, por ser único ao português. Ele corresponde, atualmente, segundo

<sup>14</sup> O fonema nasal /a/ é transcrito de diferentes maneiras na literatura. O quadro, retirado de Silva (2015), mostra os símbolos utilizados por essa autora e visa uma representação mais simples para que o leitor possa visualizar melhor. Entretanto, a autora deste trabalho optou por representar esse fone como [ɐ̃], por acreditar que ele se realiza, foneticamente, como uma vogal média, fechada, não arredondada, o quê o colocaria, no quadro, na mesma linha das outras duas vogais médias. Vide Notas 23 e 24.

Coutinho (1976), à representação das terminações do português arcaico, *-ão*, *-om*, *-am*, que, por sua vez, evoluíram das terminações latinas: *-a(d)unt*, *-anu*, *-one*, *-ane*, *-unt* - *ine*, *-on*, *-ant*, *-um*. A origem de *-ão* é a mais simples, por ser proveniente de *-anum* e da forma *\*adunt*. As outras duas terminações apresentam mais dificuldade para os linguistas. Para o surgimento dessas terminações, houve, em um primeiro momento, uma apócope, em que o *e* átono final deixou de existir. Porém, ele se manteve na formação do plural desses vocábulos e das formas derivativas, ex. *cor* > *\*corationes* > *corações* e *canes* > *canil*. Ademais, dentre essas duas terminações, o *-om* é aquela que apresenta maior dificuldade para ser explicada, e invalida muitos modelos, pois implica uma mudança da vogal *o* para *a*, além do surgimento da semivogal final.

Mattos e Silva (2015) apresenta uma análise um pouco mais aprofundada por contrapor os estudiosos que acreditam na formação do [ẽw] por analogia, como Williams (1962), com os estudiosos que acreditam que um travamento consonântico nasal na sílaba final da palavra permitiu o surgimento de uma semivogal, como Bourciez (1956).

No caso da mudança analógica, a terminação *-anu* é a responsável pelo surgimento do [ẽw], e por ser a mais comum, passou a influenciar e transformar as outras duas terminações. Por outro lado, a segunda explicação preconiza que o travamento consonântico, que acarreta um fechamento da vogal nasalizada que não desaparece, mas se transforma em uma semivogal que se junta à base vocálica do ditongo. Essa semivogal seria do mesmo tipo, ou seja, teria os mesmos traços fonêmicos da vogal nasal. Assim, [w] e [j] formariam os ditongos [ẽw] e [ẽj].

Parkinson (1983) vai além dessas duas análises ao propor que as vogais nasais agem como ditongos fonológicos, que seriam compostos por uma vogal nasalizada seguida por uma vogal oral (ẽV). Essa proposta, contudo, ainda não consegue explicar, de maneira satisfatória, todos os períodos de evolução das terminações nasais latinas até o *-ão*.

Por último, como mencionado no primeiro parágrafo deste capítulo, a nasalização do português ainda apresenta variações dialetais. Moraes e Wetzels (1992) apresentam duas representações dessa nasalidade: vocálica fonêmica e vocálica alofônica. A primeira é contrastiva e normalmente possui representação ortográfica com uma consoante nasal em posição silábica final. Ex: *bambu* [bãb'u]. Já a segunda não apresenta contraste entre os vocábulos e é caracterizada por uma consoante nasal intervocálica, que espria o traço [+

nasal] para a vogal da sílaba anterior. Ex: *panela* [pã'n'elɐ]. Essa nasalidade alofônica possui uma regra variável, que depende do tipo da consoante nasal, da tônica do vocábulo e do dialeto (Moraes e Wetzels, 1992).

Os autores argumentam que essa nasalidade está ligada à características regionais e sua aplicação ocorre no sentido norte —> sul :

No Nordeste, ela tem maior índice de aplicação, pois se nasalizam habitualmente tônicas e pretônicas (*mamão* [mã'mãw], *banana* [bã'nãna]), no Rio de Janeiro, Minas Gerais e Espírito Santo, apenas as tônicas sofrem nasalização (ou as pretônicas derivadas de tônicas), enquanto em São Paulo, com frequência, não se nasalizam as vogais tônicas: *fôme*, *hòmem*, *telefòne*, *Antònio*. (MORAES & WETZELS, 1992, p. 155)

Como pode se perceber, há uma abundância de idéias e propostas que tentam solucionar a questão da nasalização no português e nas demais línguas românicas. Dada a miríade de teorias e de modelos de análises que tentam explicar esse fenômeno, faz-se necessário sua análise em posicionamento contínuo, o quê será realizado nos próximos dois capítulos.

## 5. QUADRO TEÓRICO: MODELOS DESCRITIVOS

Vários autores - Meyer-Lübke (1890, *apud* Lipski, 1973d), Nobiling (1903, *apud* Lipski, 1973d), Leite de Vasconcellos (1911), Nunes (1930), Carolina Michaëlis (1930, *apud* Lipski, 1973d), Rodrigues Lapa (1934, *apud* Lipski, 1973d), Lüdtke (1953, *apud* Lipski, 1973c), Bourciez (1956), Silveira Bueno (1958, *apud* Lipski, 1973d), Williams (1962), Head (1964, *apud* Lipski, 1973c), Camara Jr. (1977), Silva Neto (1979), Huber (1986), Parkinson (1996) - já escreveram sobre a nasalização no português e tentaram chegar a uma explicação ou a um entendimento eficaz desse fenômeno.

A principal questão parte da atribuição de um status mono ou bifonêmico às vogais nasais. O primeiro acarreta uma interpretação dos fonemas vocálicos nasais como sendo completamente distintos dos correspondentes fonemas vocálicos orais. Por outro lado, o segundo busca uma explicação por meio de uma interpretação da vogal nasal como sendo composta por uma vogal oral seguida por um fonema com traço [+ nasal] tautossilábico (LIPSKI, 1975). Irá se buscar a melhor forma de análise para a elucidação do problema, mas, como demonstraram Lüdtke (1953, *apud* Lipski, 1973c) e Head (1964, *apud* Lipski, 1973c), por meio da interpretação monofonêmica, o português apresenta 5 fonemas vocálicos distintos dos orais - /ã, ê, ã, õ, ã/. O paradigma utilizado para se demonstrar tal interpretação ocorre no seguinte trio:

*vi* [vi]

*vim* [vĩ]

*vime* [vĩmə]

**Fonte: LIPSKI, 1975, p. 61.**

Por último, resta comentar a dicotomia sincrônica-diacrônica que permeia esta pesquisa. Ainda que o problema a ser elucidado aqui seja de natureza diacrônica, a literatura a ser revisada neste capítulo se refere a modelos e teorias que foram aplicados em estudos sincrônicos, pois as mudanças ocorridas nas vogais e nos ditongos nasais são de natureza sincrônica. Isto é, essas alterações foram se descortinando por períodos limitados, em vez de permanecerem atuantes durante toda a evolução linguística da língua portuguesa. Como disse Lipski:

From a historical point of view, the events surrounding the diphthongisation of final nasal vowels involve much more than a simple phonetic process, and result in a synchronic situation which defies analysis in terms of one single rule. (LIPSKI, 1975, p. 73)<sup>15</sup>

Dessa forma, uma análise das proposições de cada modelo permitirá a escolha daquele que melhor consegue explicar o fenômeno, em especial, a terminação arcaica *-om* e as formas plurais dos vocábulos terminados em *-ão*. Ademais, dada a questão da existência ou da inexistência de oposição entre fonemas nasais e orais, é importante verificar o que cada modelo descritivo tem a mostrar a respeito.

### 5.1. Análise Arquifonêmica<sup>16</sup>

O modelo estruturalista foi utilizado por Camara Jr. (1977) para sua interpretação arquifonêmica, na qual a nasalização se apresenta em dois níveis: nasalidade primária - oposição distintiva - e nasalidade secundária - apenas no momento da fala, sem oposição distintiva. Nesse quadro, as vogais orais e nasais são as mesmas, mas apresentam diferenças no âmbito morfofonêmico, sendo as vogais orais V e as nasais VN.

Para o autor, o francês possui a nasalização propriamente dita, como ocorre em *bon* - [bõ] ≠ *bonne* [bõn], pois existe uma oposição distintiva entre a vogal nasal e a vogal oral seguida de consoante nasal. Ao passo que o português tem apenas uma nasalidade secundária e fonética, pois não apresenta vogais nasais distintas, fonologicamente, de vogais orais, mas, sim, um contato entre uma vogal oral seguida de consoante nasal. Isso geraria uma emissão nasal com valor fonológico, exemplificado pela oposição entre palavras como *tampa* e *tapa*. No exemplo, as palavras são distintas morfofonemicamente: /taNpa/ e /tapa/. Isso significa, em termos atuais, que as suas representações subjacentes<sup>17</sup> são diferentes.

---

<sup>15</sup> Tradução da autora: “Do ponto de vista histórico, os eventos que cercam a ditongação das vogais nasais finais envolvem muito mais do que um simples processo fonético e resultam em uma situação sincrônica que desafia a análise em termos de uma única regra.”

<sup>16</sup> Um arquifonema, conceito proposto pelo Círculo de Praga, é uma unidade abstrata que representa dois ou mais fonemas subjacentes, sendo assim, parcialmente especificado e dependente do contexto para suas atribuições faltantes.

<sup>17</sup> A representação subjacente é a forma fonêmica de um vocábulo antes de ter regras acústicas e articulatórias aplicadas a ela.

O autor propõe, então, uma análise arquifonêmica, na qual uma consoante nasal, em final de sílaba, é caracterizada por um arquifonema /N/, que representa todos os fonemas nasais existentes em português, como /m, n, ɲ/. Esses fonemas apresentam oposição distintiva em posição silábica inicial - *mama, mana, manhã* -, mas desaparece em posição final. No caso *tampa x tapa*, o arquifonema nasalizaria a vogal precedente e, depois, desapareceria. Esse arquifonema nasal conservaria apenas o traço da nasalidade e sua especificação sonora seria dada pela consoante da sílaba seguinte, como em *campo, senda*. Assim, a vogal nasal seria bifonêmica (VN), resultando da junção de uma VOGAL (V) + ARQUIFONEMA NASAL (N), e o ditongo nasal seria a união de um ditongo oral (VV) + arquifonema nasal (/N/).

Consequentemente, Mattoso Câmara Jr. defende que o arquifonema nasal age como uma trava silábica após o núcleo vocálico, nasalizando, assim, tal núcleo. Essa teoria seria comprovada pelos seguintes fatos, segundo o autor:

a) o /r/ pós-nasal só se realiza como forte, ex. *genro, honra*, devido ao travamento silábico realizado pela consoante arquifonêmica.

b) não existe vogal nasal em hiatos, ex. *lua*, o que sugere a existência de um elemento que agiu em favor da não nasalização.

c) a crase não se realiza em ambientes propícios, como entre palavras terminadas e iniciadas por uma mesma vogal, ex. *lã azul* [lãzul] vs. *casa azul* [kazazul], indicando a presença de um elemento nasal interposto.

Embora a teoria tente explicar os segmentos nasais no português, o uso de um arquifonema apresenta um problema para o autor. A não especificação desse elemento é um anátema à fonologia atual, segundo a qual todos os fonemas devem possuir traços distintivos específicos para existirem. No contexto fonológico contemporâneo, o arquifonema parcialmente especificado não poderia ter o mesmo status que os fonemas plenamente especificados, posição defendida por Mattoso Camara Jr. Outro problema apresentado pelo modelo é a questão do arquifonema poder representar qualquer fonema nasal existente no português, visto que apenas o fonema /n/ se realiza foneticamente ([n]), quando seguido de uma vogal, dentro de um mesmo vocábulo. Isso pode ser visto em pares de palavras como: *fim - final, bom - boníssimo, tom- tonal, bem - benéfico, lã - lanudo*, mas não ocorre em casos

como o do item c: *\*lanazul*. Logo, o problema de Câmara Jr. é o arquifonema em si, pois todos os exemplos dados acima podem ser explicados pela presença do fonema /n/: /lan/, /tanpa/, /campo/. Atualmente, a teoria não é mais utilizada para demonstrar a nasalização no português.

## 5.2. A Análise VV

Parkinson (1983) propôs um outro modelo de análise para se elucidar essa questão. Ele contrapõe-se a Câmara Jr. (1977) ao negar a existência de uma vogal oral seguida por um arquifonema consonantal nasal, atribuindo a nasalização do português a uma sequência vogal oral seguida por uma vogal nasal. Essa sequência seria, na verdade, um núcleo pesado, composto por um elemento oral e um nasal, como no esquema abaixo:

### ESQUEMA 1 - Formação $\tilde{V}V$

<b>VOGAL</b>	+	<b>SEGMENTO NASAL</b>	=	$\tilde{V}V$
+ soante		+ soante		
+ silábico		- silábico		
- consonantal		- consonantal		

Entretanto, esse segundo elemento não se caracteriza como uma semivogal<sup>18</sup>, cujo traço distintivo é [- silábico], pois não existe um fechamento silábico<sup>19</sup>. Com efeito, as vogais nasais seriam consideradas verdadeiros ditongos fonológicos, que se diferem daqueles meramente fonéticos por apresentarem uma nasalidade morfofonêmica, isto é, fonemas nasais. Parkinson propõe um argumento original para se eliminar a sílaba fechada, uma vez que sua estrutura VV é aberta.

Segundo o autor, a estrutura fonológica V+V gera tanto os ditongos orais (*mel*), como os ditongos e as vogais nasais (*irmão* e *lã*). Esse fenômeno decorre da qualidade do segundo

<sup>18</sup> Também chamada de glide. As semivogais possuem características acústicas e articulatórias similares às das vogais, mas, do ponto de vista fonológico, se assemelham às consoantes. Não podem constituir núcleo silábico e se juntam as vogais para formar ditongos. Segundo Shane (1973), em algumas línguas, as semivogais podem representar alofones das vogais altas quando aparecem ao lado de outra vogal.

<sup>19</sup> Travamento da sílaba por uma consoante.

segmento e não do número de segmentos existentes, ou seja, os ditongos orais possuem um segundo segmento oral, enquanto os ditongos e as vogais nasais possuem um segundo segmento nasal.

Existem três argumentos utilizados pelo autor para defender esta análise:

a) Dado que a fonética instrumental demonstra que a nasalização de uma vogal ou ditongo nasal se encontra na segunda parte do núcleo silábico, a representação / $\tilde{V}V$ / estaria correta;

b) O processo de desnasalização de vogais nasais átonas finais, ex. *orfã* - [ɔrfã] > [ɔrfa], e a desnasalização e subsequente monotongação de ditongos nasais átonos, ex. *homem* - [omêj] > [omi], decorrem do apagamento do elemento em que está a nasalização, no caso o segundo;

c) A análise explica o ditongo [êj] apenas com a introdução de uma regra, que altera o segundo elemento vocálico ao invés de introduzir uma glide. Ex: *vem* > *vêj*

O modelo de análise proposto por Parkinson apresenta uma explicação interessante para as vogais e os ditongos nasais no português, além de demonstrar o fenômeno da desnasalização, que vem ocorrendo em alguns dialetos brasileiros. Entretanto, Parkinson explica o segundo segmento do ditongo da seguinte forma:

The second segment of this diphthong will have no intrinsic vowel quality, since it is realised either as a nasalised continuation of the first segment or as a glide from it to the following segment. It must thus be characterised as a nasalised vocalic segment unmarked for vowel quality. (PARKINSON, 1983, p. 173-174)<sup>20</sup>

Essa explicação apresenta um contra-senso, pois, se o segundo elemento é uma vogal (V), como ele pode existir sem qualidades vocálicas? Por último, esse modelo também não esclarece a passagem das terminações arcaicas *-om* e *-am* para *-ão*, apesar de fornecer elementos teóricos que podem ser utilizados em propostas futuras.

### 5.3. Teoria da Otimidade

<sup>20</sup> Tradução da autora: “O segundo segmento desse ditongo não terá nenhuma qualidade vocálica, uma vez que se realiza como uma continuação nasalizada do primeiro segmento ou como um glide para o segmento seguinte. Deverá ser, então, caracterizado como um segmento vocálico nasalizado desprovido de qualidade vocálica.”

A Teoria da Otimidade (TO) se difere das teorias derivacionais<sup>21</sup> por não submeter um *input* a uma série de regras ordenadas, mas, sim, a um número de restrições que são computadas simultaneamente. Esse modelo surge na década de 90 com os trabalhos de Prince & Smolensky (1993) e de McCarthy & Prince (1993), com o intuito de resolver questões relacionadas à dicotomia *input* (representação subjacente) e *output* (representação de superfície) e a atuação das regras nesse cenário. O foco, então, passa a ser o *output*, sobre o qual passam a ser aplicadas restrições, universais e violáveis, que se relacionam hierarquicamente. Isso permite solucionar o problema de outros modelos de explicar as formas de superfícies não-marcadas, pois o *output* da TO sempre será sempre o *ótimo*, isto é, aquele que violar o menor número de restrições. Isso se alcançaria por meio dos seguintes princípios:

a) Violabilidade: as restrições universais não são mais invioláveis, mas a violação deve ser a menor possível. Isso significa que o *output* que chega à superfície é aquele que tiver menos violações, em comparação com os outros, respeitando-se a hierarquia de restrições definidas.

b) Ranqueamento: as restrições universais são as mesmas para todas as línguas naturais, mas a hierarquia dessas restrições é determinada por cada língua, ou seja, línguas diferentes, ordens diferentes. Isso permitiria a dominância de certas restrições sobre outras e serve para acabar com o conflito entre duas delas.

c) Inclusividade: os *outputs* devem seguir as condições de boa formação estrutural ao serem analisados, pois não são aceitas regras ou estratégias de reparo, nem mudanças estruturais com relação a certas restrições.

d) Paralelismo: todos os *outputs* possíveis devem ser avaliados simultaneamente, respeitando o ranqueamento das restrições. Este é o princípio que a diferencia das outras teorias.

Esses princípios sustentam e guiam o modelo de análise da teoria, que é baseado em três mecanismos: **GEN** (gerador), **Eval** (avaliador) e **CON** (conjunto de restrições)<sup>22</sup>.

O mecanismo **GEN** tem a liberdade de gerar qualquer candidato possível para um *input*, respeitando-se os limites do léxico universal possível. Seu trabalho é gerar um número

---

<sup>21</sup> As teorias que derivam a forma superficial (palavra) a partir de representações subjacentes.

<sup>22</sup> Derivam dos nomes em inglês: Generator, Evaluator e Constraint.

possível de *outputs* para um dado *input*. Esses *outputs* possíveis serão avaliados pela ferramenta **EVAl**, que segue a hierarquia de restrições da língua e irá produzir a melhor forma de *output*. Esse *output* vitorioso, também passou pelo crivo da função **CON**, que determinou ser ele aquele que violava o menor número de restrições, em comparação com os demais.

Como exemplo será utilizada a análise feita por Battisti (1998) do surgimento do ditongo *-ão*. Porém, alguns conceitos utilizados no estudo devem ser elucidados antes:

i) O Licenciamento ocorre quando um segmento licencia (passa, transmite) algum de seus traços de ponto articulatorio para a posição seguinte ou anterior;

ii) um glide ocorre quando um segmento perde seu ponto articulatorio e não pode ocupar núcleo silábico, tornando-se [- consonantal] e [+ soante].

Então, segundo Battisti (1998), partindo do pressuposto teórico de que as consoantes nasais que ocupam final silábico (posição de Coda) não licenciam seu traço articulatorio, e a base do ditongo nasal seria uma sequência  $vN\#$ , um glide nasal deve surgir para que haja a emergência do *output -ão*. As restrições usadas em ordem hierárquica são: License(place), que é violada caso não haja um licenciamento do traço de ponto articulatorio pela nasal final; HavePlace, que é violada caso um dos segmentos não tenha ponto articulatorio específico; e Parse, que é violada caso um nó da estrutura silábica não domine algum elemento, e este fique solto.

## QUADRO 7 - Tableau 1

**Tableau 1**

Input: vN#

	Candidatos	License (place)	HavePlace, Parse
a.	$\tilde{v}N$  $\emptyset$		* ! *
b.	vn	* !	
c.	 $\tilde{v}\tilde{w}$  [ponto]		* ! *

Fonte: BATTISTI, 1998, p. 82.

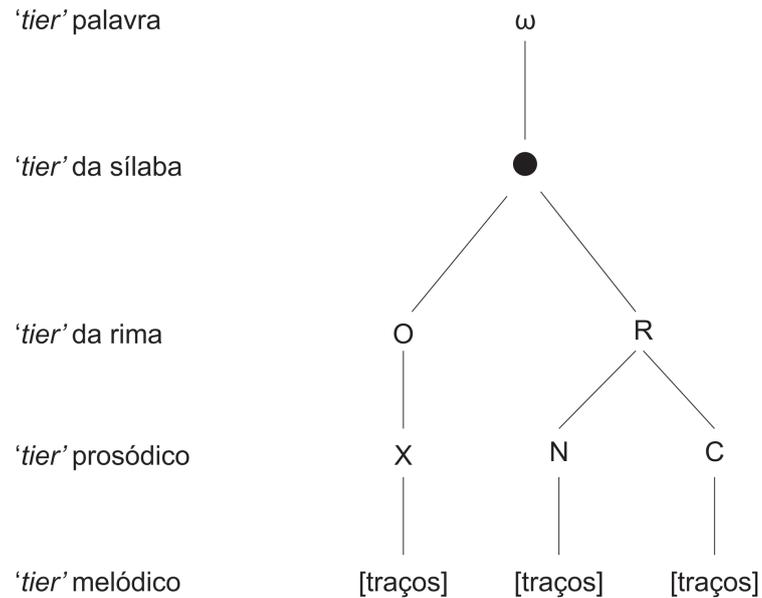
Todas as alternativas violam alguma restrição, mas a alternativa **c** emerge como a melhor. A **b** é eliminada por violar a restrição mais alta, embora a consoante nasal permaneça em posição final. Tanto a **a** quanto a **c** violam as restrições 2 e 3, mas, na primeira alternativa, a vogal nasal não tem traço articulatório. A última alternativa respeita a restrição dominante do License devido à formação do glide ( $\tilde{w}$ ), que resulta da perda do traço consonantal pela consoante (N). A resolução do conflito, pela restrição dominante, permite que a alternativa **c** se manifeste como a representação de superfície.

Essa teoria propõe uma explicação para o fenômeno da nasalização no português, entretanto, devido a uma peculiaridade denominada princípio de Riqueza de Base, não existe realmente qualquer restrição sobre as representações subjacentes. Isso permitiria qualquer *input* e não atentaria para o princípio da Fidelidade, pois, se a base pode ser rica, ela seria fiel a que? Além disso, ainda que se escolha apenas um *output*, outras possibilidades ainda são geradas e podem ser usadas, como exemplificado por Parkinson (1983, p.161): *homem* ['omẽj] e ['omə], *órfã* ['orfã] e ['orfə]. Sendo assim, a TO não consegue justificar seu modelo de análise de uma forma que garanta uma ilustração clara da formação dos ditongos nasais no português, uma vez que eles decorrem de múltiplos *outputs*.

#### 5.4. Teoria Autossegmental

A Fonologia Autossegmental, proposta por Goldsmith (1976), parte dos segmentos e matrizes de traços utilizados pelos modelos lineares, em especial pela Teoria Gerativa, mas permite, também, a segmentação independente dos sons, os chamados autossegmentos. Não existe, sob este modelo, “uma relação ‘bijetiva’ (de um-para-um) entre o segmento e o conjunto de traços que o caracteriza” (MATZENAUER em BISOL, 2014, p. 45). Isto significa que, caso um segmento se apague, todos os seus traços não precisam desaparecer. Esses traços também podem ocupar um espaço maior ou menor daquele especificado pelo seu segmento. Outra característica importante do modelo é a introdução do princípio de silabação aos modelos não-lineares. A sílaba, então, passa a ter *status* fonológico e os segmentos passam a ser um conjunto de traços estruturados internamente. Esses segmentos se organizam hierarquicamente em camadas (*tiers*) e passam por processos de derivação para alcançarem a representação fonética no nível da palavra. Os processos derivacionais utilizam as representações subjacentes como *input*. O esquema abaixo demonstra a estrutura esquelética do modelo:

#### ESQUEMA 2 - Estrutura esquelética autossegmental



**FONTE: BISOL, 1989, P.186**

O esquema mostra uma estrutura esquelética simples, em que cada traço está ligado a apenas um elemento do *tier* prosódico. Entretanto, o modelo autossegmental apresenta uma inovação ao introduzir princípios que permitem que esses traços permaneçam “vivos” na estrutura e espaiem para outros segmentos, mesmo após o desaparecimento de seus elementos prosódicos. Esses princípios serão a chave para desvendar o questão da nasalização no português.

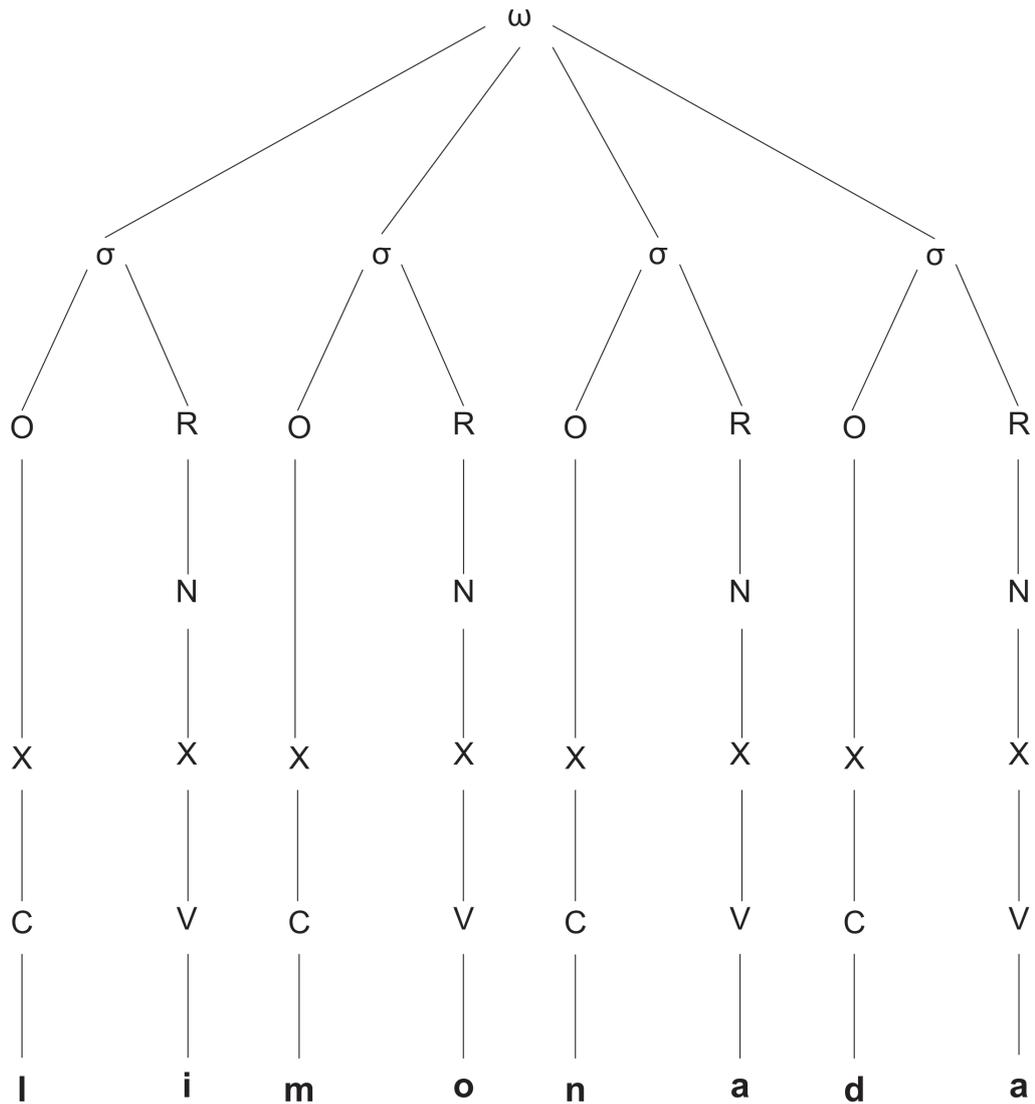
#### 5.4.1. Princípios Teóricos

Os princípios teóricos agem como as regras e restrições a serem seguidas. No caso da fonologia autossegmental, esses princípios conseguem atuar de maneira independente em cada um dos *tiers*. Para que os processos derivativos formem representações fonéticas que sejam estruturas bem formadas, os seguintes princípios precisam ser seguidos em todos os níveis:

a) Princípio da Silabação: o núcleo (N) é posição obrigatória, e é sempre ligada a uma vogal (V). O nó da rima (R) domina o *tier* prosódico, que é composto pelo núcleo e a coda (C). A coda está na posição final e se contrapõe ao onset (O), que está na posição inicial, mas

ambas estão ligadas a consoantes (C). A principal diferença entre o onset e a coda é que esta nem sempre precisa existir. Um exemplo:

### ESQUEMA 3 - Estrutura autosegmental simples

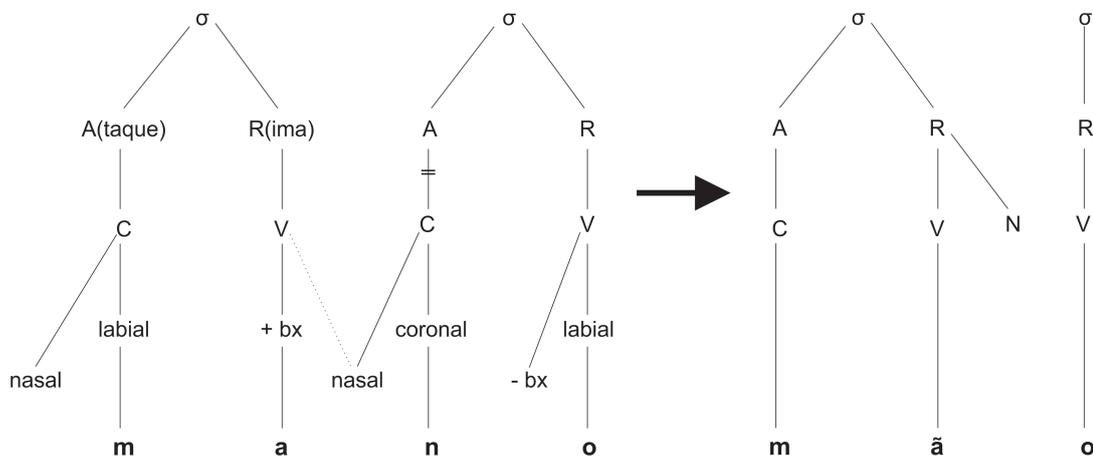


FONTE: AUTORA

O exemplo acima demonstra uma estrutura esquelética simples, na qual os traços que especificam um fonema, representados pelas letras, estão ligados à apenas um segmento. No

caso de vogais e ditongos nasais, essa estrutura passa a ser mais complexa, por existirem fonemas nasais que se desligam da estrutura, mas deixam seu traço nasal para trás. Isso pode ser visualizado no seguinte exemplo:

#### ESQUEMA 4 - Estrutura autosegmental complexa

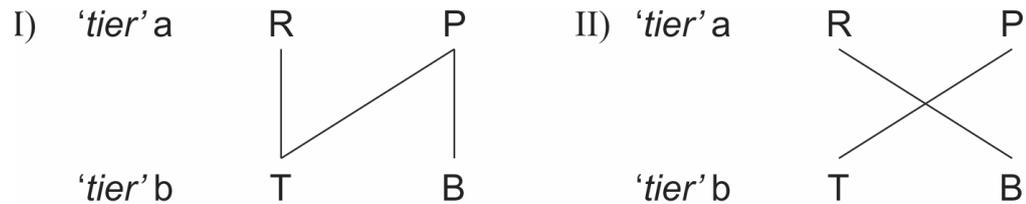


FONTE: ADAPTADO DE PARKINSON, 1996, P.261 E 263

Parkinson (1996) demonstra, por meio deste modelo, a evolução da palavra *manu* para a atual *mão*. É possível ver o desaparecimento da consoante /n/ após a ligação de seu traço nasal com a vogal /a/, gerando a sua nasalização.

b) Princípio de Não Cruzamento de Linhas de Associação: impede que linhas de associação, que ligam dois elementos do *tier a* a dois elementos do *tier b* se cruzem. No exemplo abaixo, apenas o item I é possível:

**FIGURA 3 - Princípio de não cruzamento das linhas de associação**



FONTE: ADAPTADO DE GOLDSMITH, 1976.

c) Princípio da Sonoridade: qualquer elemento X (esquema 1) deve se ajustar a escala de sonoridade hierárquica (vogal > líquida > nasal > obstruente) para se adequar à estrutura silábica, na qual elementos [+ sonoros] se posicionam no núcleo e os [- sonoros] na coda ou onset.

d) Princípio do Licenciamento: cria restrições para a ocorrência de elementos em Onset e em Coda. Ex. No português, qualquer consoante pode se posicionar no início de sílaba (O), mas, em posição final (C), só podem ocorrer /s/, /r/, /l/ e /N/.

e) Princípio do Contorno Obrigatório (doravante PCO): impede que autossegmentos idênticos permaneçam adjacentes, causando uma redução para um só. Ex. *lã-a* > *lã*.

Dentre todos os princípios enumerados, aquele que melhor ajuda a elucidar a nasalização do português é o PCO, notadamente, por conseguir explicar a transição da terminação *-om* para *-ão*, como será visto no próximo capítulo.

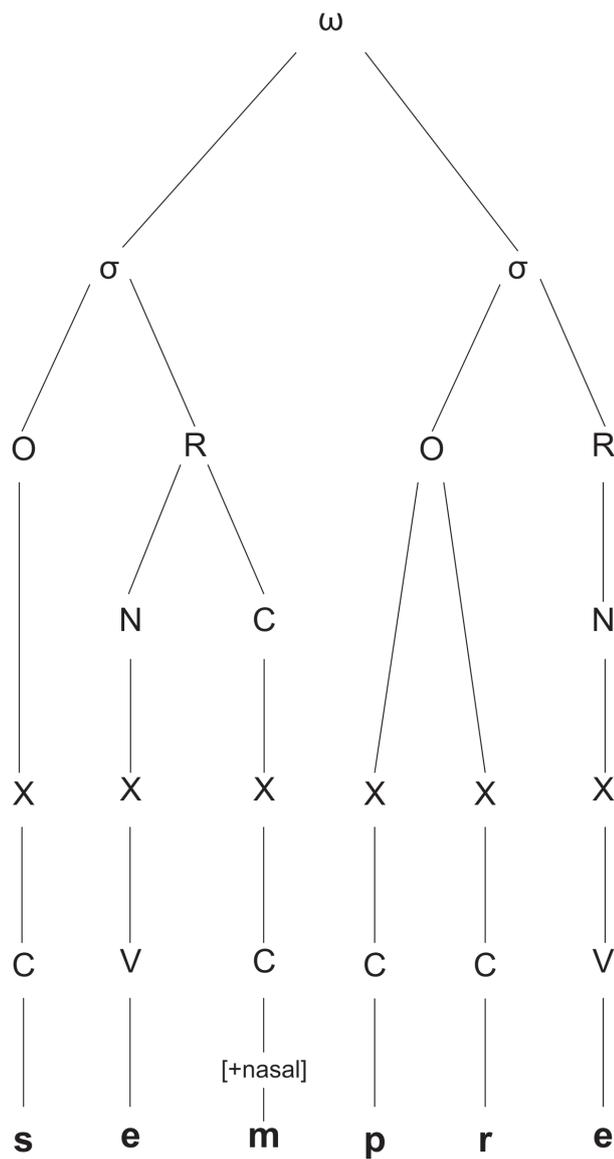
#### 5.4.2. Modelo e Representação de Análise

A teoria preconiza a separação em camadas (*tiers*) dos traços fonológicos, específicos de cada autossegmento, e das posições vocálicas e consonantais, às quais pertencem esses traços. Essas posições estão sob o domínio de uma estrutura silábica, que, por sua vez, está sob o domínio da palavra. Cada traço pode agir independentemente ou em conjunto nos diferentes *tiers*. Cabe à representação demonstrar quais desses traços podem ser manipulados. Dessa maneira, as regras passam a atuar em cada camada até que se chegue na representação fonética da palavra.

Uma grande consequência desse modelo é a facilidade para se explicar os processos de assimilação, como a nasalização, pois ele pode ser visto como um espraiamento de traço, que não precisa afetar todos os *tiers*. Neste caso, o traço nasal não depende de nenhum outro

traço e, ao se desligar de seu nível superior, não se apaga, mas se transforma em um autossegmento, que irá se associar a outro segmento, nasalizando o núcleo deste. Ex: *sempre*

### ESQUEMA 5 - Processo assimilatório: Nasalização



FONTE: AUTORA

No exemplo, a consoante nasal não desapareceu, mas após espriar e licenciar seu traço nasal para a vogal /e/, ela deixa de ser pronunciada devido ao princípio do PCO. Logo, a representação fonética da palavra é ['sêpre].

A teoria permite, então, explicar o surgimento das vogais e ditongos nasais como um espriamento do traço nasal de uma consoante nasal que não deixa de existir. Como essa consoante continua presente, é possível demonstrar o motivo dos plurais e das palavras derivadas de vocábulos com nasais apresentarem formas diferentes. Por exemplo: *limone* > limão - limões - limonada, um exemplo que mostra como o vocábulo latino *limone* pôde originar duas terminações nasais diferentes e ainda estar presente dentro da palavra limonada.

Assim, dentre todas as teorias analisadas neste capítulo, aquela que melhor consegue explicar o fenômeno da nasalização no português, em especial, o ditongo nasal [ãw], é a Fonologia Autossegmental. O próximo capítulo irá analisar a questão histórica dos ditongos nasais, demonstrando como eles surgiram e evoluíram, além de propor uma explicação teórica, por meio do modelo autossegmental, para as alterações das diferentes terminações latinas que se consolidaram em *-ão*. Por certo que a passagem de uma análise sincrônica para uma diacrônica pode causar estranhamento, mas, como esclarecido no início deste capítulo, as mudanças fonêmicas foram acontecendo em períodos delimitados ao longo dos séculos. Um modelo descritivo sincrônico, portanto, pode ser utilizado para se analisar um fenômeno histórico.

## 6. AS VOGAIS E OS DITONGOS NASAIS FINAIS NO PORTUGUÊS

A evolução de uma língua ocorre, primeiramente, no ambiente da fala. Por isso, estudos históricos que necessitam verificar o surgimento de certos fenômenos fonológicos encontram dificuldades para encontrar dados concretos que comprovem essas mudanças. Principalmente, segundo Leite de Vasconcellos (1911), ao se considerar que a cronologia das mudanças linguísticas é relativa, uma vez que, para um fenômeno ser percebido e aceito como fato irrevogável, ele deve alcançar o campo da escrita. A teoria tempo real versus tempo aparente especifica essa circunstância, citada por Leite de Vasconcellos, ao mostrar que o tempo real da mudança linguística é anterior ao tempo em que esta pode ser percebida. Para um estudo diacrônico, é necessário uma análise de textos antigos para se avaliar melhor quando se deu o surgimento e como ocorreu a consolidação de qualquer alteração na linguística.

No âmbito deste estudo, textos antigos, como as *Cantigas de Santa Maria* (CSM), possibilitam um vislumbre da língua portuguesa em diferentes momentos de sua história. No entanto, para se analisar as mudanças morfofonêmicas que se sucederam no português, são necessários recortes sincrônicos. Segundo Wetzels (1997), historicamente, as vogais nasais no português têm origem numa sequência de vogal oral seguida de consoante nasal (VN > ÑN > Ñ) ou com a perda de uma consoante nasal intervocálica (*lana* > *lã*). Porém, sincronicamente, suas características fonéticas não apresentam evidências concretas para uma representação subjacente que espelha a sua evolução no tempo.

Sendo assim, as análises, tanto sincrônicas quanto diacrônicas, são bastante pertinentes para se conseguir demonstrar eficazmente o fenômeno. Diante disso, será apresentada a formação das vogais e dos ditongos nasais do português por meio de uma análise autosegmental, que contará com exemplos históricos para verificação de suas proposições.

### 6.1. A origem dos fonemas vocálicos nasais no português

Com a evolução do latim para o galego-português, houve a modificação de certas terminações latinas. No caso do ditongo *-ão*, ele provém das terminações *-ane*, *-one* e *-anu*,

principalmente. Inicialmente, segundo Williams (1962), as terminações finais do latim evoluíram, primeiramente, para *-am*, *-om*, *-ão*, e, posteriormente, se consolidaram em *-ão*, devido à atração analógica exercida pelo verbo *vão* (vão em port. moderno), proveniente de *\*vadũnt*. A partir dos verbos, houve um nivelamento analógico dos substantivos, influenciados pelos nomes originados de *-anum* (> *-ão*), culminando na terminação *-ão* (LIPSKI, 1973d). Entretanto, essa teoria analógica não consegue explicar como uma forma verbal migrou para uma forma nominal, o que fez com que essa teoria fosse posta em dúvida e não mantivesse muitos adeptos.

Por outro lado, Leite de Vasconcellos (1911), Castro (2011) e Mattos e Silva (2015) citam uma posição intermediária, durante o período arcaico, que ocorreu na posição final de verbos e nomes em /õ/ e /ã/. Essas vogais nasais finais teriam sofrido uma ditongação espontânea, ocasionando o ditongo [õw]. Contudo, essa teoria da espontaneidade não explica como a vogal *o* em *-om* ([õ]) passou para *a*. Essa falha teórica inviabiliza a aceitação dessa proposição. No entanto, em alguns dialetos do norte de Portugal, persistiu até hoje a ditongação em [õw], diferenciando-os do restante dos falantes de português, que, por verem esse ditongo de maneira negativa, preferiram o uso do ditongo [ãw], o que acabou por favorecê-lo (MATTOS E SILVA, 2015). Lipski (1973b) cita, ainda, uma proposição intermediária, feita por Carolina Michaëlis (1930), que acreditava que a evolução dos sufixos *-om* e *-am* ocorreu de maneira fonética, no período arcaico, e por analogia, no período de transição.

Por último, tem-se a explicação de Parkinson (1983), já mencionada, em que as vogais nasais são constituídas a partir de um núcleo pesado que gera monotongos e ditongos nasais fonológicos em posição final. Essa interpretação possibilita o esclarecimento de casos como *lã* e *tom*, conforme demonstrado na próxima seção.

O quadro abaixo resume a evolução descrita do ditongo *-ão*:

### QUADRO 8 - Origem dos ditongos nasais

Latim		Português arcaico		Port. médio
tam	-AM	- ã	tã	- ãw
dant	-ANT		dã	
pane	<b>-ANE</b>		pã	
sum	-UM	- õ	sõ	
sunt	-UNT		sõ	
oratione	<b>-ONE</b>		oraçõ	
multitudine	-UDINE		multidõe > multidõ	
veranu	<b>-ANU</b>	- ã-u	verão	
vadunt	-ADUNT		vão	

Fonte: CASTRO, 2011, p.16

É importante ressaltar que as três terminações destacadas em negrito foram as bases mais comuns para a formação do ditongo final [ãw]. Dentre essas, as duas primeiras deram origem às terminações *-am* e *-om* (ã e õ respectivamente), que necessitam de uma explicação mais aprofundada. O mesmo é necessário nos casos de síncope<sup>23</sup>, como em *lana* > *lãa* > *lã* e *bonum* > *bõo* > *bom*, em que a vogal nasal final não se ditongou. A seguir, será feita uma análise desses casos dentro do modelo autosegmental.

#### 6.2. As vogais e os ditongos nasais finais sob a Teoria Autosegmental

No português, o processo de nasalização atuou em diferentes períodos de sua história, gerando as vogais e os ditongos nasais que podem ser observados hoje em dia. Como mencionado anteriormente, muitos linguistas tentaram encontrar uma explicação para essa evolução histórica, contudo, nenhum conseguiu apresentar, sem falhas, hipóteses que esclarecessem esse fenômeno. A teoria autosegmental é aquela que pode ser utilizada para

<sup>23</sup> Uma supressão de um fonema interno, que, nos casos descritos, se apresenta como a queda de consoante intervocálica e a subsequente formação de hiato.

explicar o processo formativo de toda a nasalidade que se encontra na língua atualmente. Ela ainda consegue elucidar questões dialetais atuais que o português brasileiro vem experienciando, por exemplo, a passagem do [õ] para [õw] em palavras como *bombom*.

Primeiramente, é pertinente retomar algumas explicações essenciais acerca das vogais nasais finais a fim de poder contrastá-las com os ditongos nasais finais e explicar a razão pela qual algumas palavras não seguiram o mesmo caminho dos ditongos. É importante ressaltar que, historicamente, segundo Lipski (1973a, 1975), houve um processo de elevação das vogais baixas e médias baixas durante a nasalização do português. O autor afirma, então, que apenas as vogais altas e médias altas - /i, e, ɐ<sup>24</sup>, o, u/<sup>25</sup>- são nasalizadas, pois parece existir uma restrição fonotática que impede as vogais mais baixas - /ɛ, a, ɔ/- de ocorrerem nasalizadas (LIPSKI, 1975).

Diante disso, as vogais nasais, também conhecidas como monotongos nasais, evoluíram historicamente como nos exemplos abaixo:

I) *lana* > *lãa* > *lãa* > *lã*

II) *bonum* > *bõo* > *bõo* > *bõ* (bom) ou *bõw* (como no norte de Portugal)

III) *tenet* > *têe* > *têe* > *têy* (tem)

Nos casos acima, tem-se um espraiamento do traço [+ nasal] para a vogal da primeira sílaba e o apagamento do traço [+ consonantal] da consonante nasal da segunda sílaba, criando-se, assim, um hiato. Esse hiato passa a ser um núcleo pesado, que pode ser considerado um ditongo fonológico dentro da análise de Parkinson (1983). No caso de *lã*, esse ditongo é desfeito por meio do cancelamento do segundo elemento do núcleo, uma vez que ele contém os traços [+ posterior, + baixo, - arredondado, - silábico] e, em português, um elemento vocálico não emerge como glide se possuir os traços [+ posterior, - arredondado].

Entretanto, como no caso II, se o segundo elemento for [+ posterior, + arredondado, - baixo, - silábico], ele pode ser eliminado ou emergir como um glide, que será determinado

<sup>24</sup> A vogal que Lipski (1973a, 1975) classifica como [ɐ], é classificada como [ə] por Battisti e Oliveira (2019). Por ser uma vogal média alta, o schwa [ə], apresenta uma classificação mais contundente em relação àquela proposta por Lipski, uma vez que a representação fonética do fonema /a/ átono, presente no português, é [ɐ]. Por isso que se optou por representar o fonema vocálico nasal /ã/ como [ã].

<sup>25</sup> Segundo Lipski (1973a), estudos conduzidos por Morais-Barbosa (1965) e Head (1965) classificaram [ɐ] como: média, central e não arredondada. Isso permite sua elevação para alta em um contexto binário (alta ou baixa), sem a posição média intermediária.

pelos traços da vogal do núcleo - [j] = [- posterior, + alto] e [w] = [+ posterior, + alto]. Esse ditongo se faz presente frequentemente em casos semelhantes, o que gera pronúncias como ‘*Nelsão*’, ‘*bão*’. Já o terceiro caso (III) apresenta um núcleo pesado cujo segundo elemento emerge como glide [+ alto, - posterior], como em [tẽy]. Esse fenômeno também ocorre em posição interna de palavra, na pronúncia de alguns dialetos do português, como o paulistano: ‘veinto’, ‘semeinte’, etc. Dessa forma, a rigor, só se tem a contração obrigatória, gerando uma vogal nasal final, como em *lã*, nos casos em que a vogal do núcleo pesado é [+ baixa], pois, caso contrário, a ditongação torna-se possível.

Passando-se agora para os ditongos nasais, que normalmente são encontrados no final dos vocábulos, sendo que, por vezes, podem também ocorrer em posição interna, como em *muito*, ou dialetalmente como em *manhã* > [mãj’ɲɐ]. Sua formação advém de uma sequência VC que ocupa duas posições na linha prosódica. A vogal ocupa o núcleo de uma sílaba e a consoante com o traço [+ nasal], o onset da outra sílaba. Segundo Bisol (1989), as regras do processo derivacional começam a agir a partir do segmento nasal, como no exemplo a seguir:

#### **ESQUEMA 6 - Processo derivacional**

Ex.:	<i>granu</i>	<i>leones</i>
<i>tier</i> silábico	[granu]	[leones]
<i>tier</i> rima	O R O R	O R R O R
Regra (i)	C C V C V	C V V C V C
<i>tier</i> prosódico	X X X X X	X X X X X
<i>tier</i> melódico	g r a n u	l e o n e s
Regra (ii)	g r a n u	l e o n e s
Regra (iii)	g r a _ u	l e o _ e s
	[+N]	[+N]
Regra (iv)	g r ã w	l e õ j s
Saida	[grãw]	[leõjs]

FONTE: ADAPTADO BISOL (1989)

A evolução de *granu* > grã e *leones* > leõs realizaram-se no âmbito morfofonêmico, com a atuação de regras e princípios que balizaram essas alterações. Em um primeiro momento, tem-se a regra de desligamento (i), na qual a nasal, [n] em ambos os casos, se desliga do segmento consonantal no *tier* da rima e se torna um autosssegmento. Depois, a regra de ligação (ii) faz com que esse novo autosssegmento nasal se associe ao núcleo da rima anterior, *a* em *granu* e *o* em *leones*. Com essa ligação, a regra de licenciamento (iii) pode agir e permitir que o traço [+ nasal] se espalhe para seu novo segmento, alterando, assim, a qualidade da vogal, *granu*: *a* > ã e *leones*: *o* > õ. Por último, há a regra para a formação de ditongo (iv), que prevê a conversão da vogal final em semivogal: *granu* > grãw [grãw] e *leones* > leõs [leõjs].

O primeiro exemplo demonstra, portanto, a maneira mais simples do surgimento do ditongo [ãw]. Já o segundo exemplo, *leones*, explica a razão pela qual alguns plurais nasais diferem de seus singulares, uma vez que partem, etimologicamente, da mesma forma subjacente, mas em contextos diferentes. A derivação do plural, porém, não sofre com a ação de todas as regras, como a derivação do singular. No caso de *leones*, a representação

subjacente do singular é *leone*, que segue o mesmo caminho de *granu*, com o acréscimo de uma regra, a do desaparecimento do *e* átono antes do espriamento nasal, resultando em *leão* - como demonstrado no exemplo no próximo parágrafo. Já no momento da formação do plural, a queda desse *e* não ocorre, uma vez que existe um segmento *s* demarcando o plural, impedindo que o *e* fique em posição final.

Resta, agora, explicar as origens do ditongo final *-ão*, em especial, a passagem das terminações *-am* e *-om* para *-ão*. O Quadro 8 apresentou as três principais fontes latinas que originaram esse ditongo. A primeira fonte, *-anu*, é mais fácil de se demonstrar, pois seu processo evolutivo é bastante simples, uma vez que o núcleo pesado /VV/ já apresenta os elementos necessários para se converter o segundo segmento em uma semivogal (*granu* Exemplo 6). Essa é uma hipótese semelhante à de Parkinson (1983), porém, aqui, ambos os segmentos / $\widehat{VV}$ / são considerados vocálicos, com o segundo segmento sendo não-silábico. Devido ao PCO, dois segmentos semelhantes não podem permanecer seguidos, logo, há o surgimento de um glide, que transforma o segundo segmento, culminando em *-ão*.

No caso da terminação *-am* (< *-am*, *-ant*, *-ane*), tem-se a seguinte evolução:

Ex: *cane* > *can* >  $c\widehat{aV}$  >  $c\widehat{a}w$  - *cão*  
*pane* > *pan* >  $p\widehat{aV}$  >  $p\widehat{a}w$  - *pão*

Esses casos são diferentes daquele de *lã*, pois nunca ocorreu a formação de um hiato em decorrência da apócope do *e* final. Ocorre, então, a formação de um núcleo pesado, composto por uma vogal nasal e um elemento que pode emergir como um glide. Esse glide depende das características da vogal que a precede, nos exemplos acima, como a vogal possui o traço [+ posterior], a semivogal que emerge é [w].

Por último, tem-se a terminação *-om* (< *-um*, *-unt*, *-one*, *-udine*), que necessita de uma análise mais profunda:

*leone* > *leão*

I) Apócope do e final: **leone** > **leon**

II) A consoante nasal [n] licencia seu traço [nasal] para a vogal *o*: **leon** > **leõn**

III) A nasal final cai e a vogal nasalizada [õ] passa para a posição final: **leõn** > **leõ**

IV) Ocorre a ditongação devido ao núcleo pesado: **leõ** > **leõw**

V) O PCO restringe segmentos semelhantes adjacentes, rebaixando **õ** para **ã**: **leõw** > **leão**

Como se pode ver, o PCO é o responsável, mais uma vez, pela transformação em *-ão*. Além disso, o conceito de núcleo pesado (ñv), elaborado por Parkinson (1996), é fundamental para se explicar a ditongação das formas intermediárias, *cã* e *leõ*. Contudo, é importante se distinguir a razão pela qual palavras como *som*, *bom*, *lã* e *tom* não tiveram ditongação obrigatória.

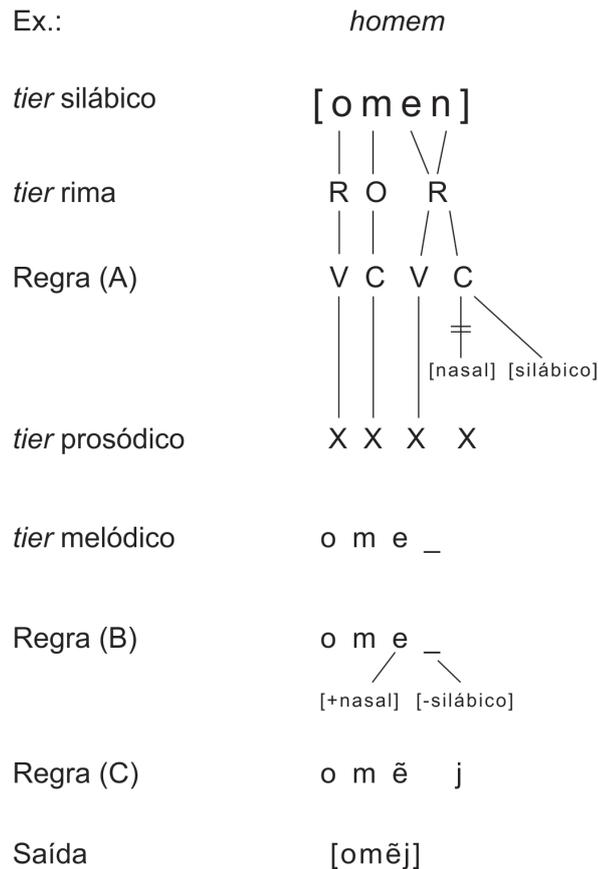
Como foi dito anteriormente, e repetido no caso das vogais nasais finais, as mudanças fonêmicas ocorrem por períodos determinados e, após seus términos, suas regras deixam de afetar os fonemas da língua. Dessa forma, é possível dizer que, nesses casos, as sequências vocálicas ainda se apresentavam como hiatos - *bõ-o*, *sõ-o*, *lã-a*, *tõ-o* -, e as formas intermediárias [õ] e [ã] não se encontravam em posição final. Como consequência, não foi possível a ação da regra de ditongação, mas o PCO ainda atua ao juntar os dois segmentos vocálicos semelhantes em um só - [bõ], [sõ], [lã] e [tõ].

Por último, essa análise ainda permite a explicação do ditongo [ẽj], tanto no interior quanto no final do vocábulo. Em posição interna de vocábulo a ditongação pode ocorrer dialetalmente, como em *vento* > [vẽjto] e *momento* > [momẽjto], principalmente em sílaba acentuada. Já em posição final de palavra, o núcleo pesado emerge como ditongo [ẽj] categoricamente. Segundo Lipski: “*In Brazilian Portuguese, the nasal vowel [ẽ] never appears alone in word-final position, but only as the nasal diphthong [ẽj]*” (LIPSKI, 1975, p.70)<sup>26</sup>. Quando esse núcleo pesado está em posição tônica, como em *tem* > [tẽj] e *também* > [tã'bẽj], ele ocupa, segundo Bisol (1989), duas posições no *tier* da rima, passa a formar uma sílaba complexa e tende a ser mantido. Por outro lado, quando esse núcleo está em posição átona, como em *folhagem* > [fo'λazẽj] ≈ [fo'λazi], Bisol afirma que ele constitui um ditongo

<sup>26</sup> Tradução da autora: “No português brasileiro, a vogal nasal [ẽ] nunca aparece sozinha na posição final da palavra, mas apenas como o ditongo nasal [ẽj]”.

leve, associado a apenas uma posição no *tier* da rima, constituindo, assim, uma rima simples que pode ser extinta. O exemplo abaixo demonstra a ditongação de rima simples:

### ESQUEMA 7 - Ditongação de rima simples



**FONTE: AUTORA**

Nesse exemplo, a partir da perspectiva de Parkinson (1996), é possível visualizar a seguinte análise:

- (A) No *tier* da rima  $/\widehat{V}\widehat{V}/$ , tem-se o segundo V como um segmento [ + nasal; - silábico]
- (B) Na passagem de  $/\widehat{V}\widehat{V}/$  para  $/\widehat{V}\widehat{V}/$ , o traço nasal se alinha com o primeiro elemento e o segundo elemento tem apenas o traço [- silábico].
- (C) O segundo elemento emerge como [j], dado o traço [- posterior] da primeira vogal.

Sendo assim, é possível verificar como a teoria Autossegmental consegue fornecer um melhor modelo descritivo para explicar todos os processos de nasalização no português. Na próxima seção, será feita uma breve incursão na história da língua por meio de alguns exemplos históricos, com o intuito de mostrar a evolução descrita e a consolidação do ditongo [õw].

### 6.3. A consolidação dos ditongos nasais finais

Como disse Serafim Silva Neto: *“Uma alteração fonética não costuma irromper simultaneamente em todos os pontos de uma área mais ou menos vasta. Ao contrário: surge num ponto, vacilante a princípio, e só depois de aproximações e retoques é aceita pela consciência linguística do grupo”* (SILVA NETO, 1979, p. 377-379). A consolidação dos ditongos nasais no português, em especial o ditongo -ão, seguiu o caminho descrito acima. Inicialmente, as terminações portuguesas provenientes das latinas - *ane* > *an/am*, *one* > *on/om*, *anu* > *ão* - não eram rimadas umas com as outras nos cancionários medievais, o que demonstra que suas pronúncias eram distintas.

Uma importante fonte de análise provém das Cantigas de Santa Maria (CSM), do rei de Leão e Castela, Afonso X, elaboradas na segunda metade do século XIII. Após analisar o estudo de Fontes (2011), que mapeou todas as terminações nasais presentes nos nomes das Cantigas, foi possível determinar que as seguintes terminações estavam presentes: -ão, -*an/-am*, -ãa, -*on e - õo*. Com relação ao -ão, foi estabelecido que a maioria das terminações eram derivadas do final -*anu*, mas, em algumas ocasiões, a grafia alternava com -*an*. Apesar disso, a presença dos vocábulos *cão e acusação* demonstram que as outras terminações já estavam convergindo para o final *ão*. Outra característica interessante é a métrica das CSM, que leva à percepção de que, neste ponto do português, a sequência -ão ainda é considerada um hiato, pois as vogais estão separadas em duas sílabas. A terminação -ãa, proveniente da terminação latina -*ana*, também se apresentava como hiato. Nas CSM, as evoluções das terminações -*ana* não se confundem com as das terminações -*ane*, o que apoia a proposição de que hiatos formados por vogais semelhantes, em posição final, formam crase, o que corrobora com a proposta aqui desenvolvida.

Vale dizer que as rimas aparecem em algumas cantigas. De todas elas, uma merece atenção especial por apresentar rimas com a terminação *-ãõ*, que não são provenientes das mesmas terminações latinas. A seguir alguns exemplos que demonstram as diferentes terminações arcaicas e o início da convergência dessas terminações para *-ãõ*:

1) (CSM 192)

*E disse: “**Pagãõ**,  
 sse queres guarir;  
 do demo de **chãõ**  
 t’ás a departir  
 e do falsso, **vãõ**,  
 mui louco, **vilãõ**  
 Mafomete **cãõ**  
 que te non valer  
 pode, e **crischãõ**  
 te faz e **irmãõ**  
 nosso, e **louçãõ**  
 seie se temer”*

(Fonte: FONTE, 2011, p.39)

2) (CSM 69)

*[...] Da ygreja; e ya pela **mãõ**  
 con el un preste. E viu ben de **chãõ**  
 Pedro vir a ssi un ome **cãõ**  
 ena cabeça, e a barva **cãã**,  
 Santa Maria os enfermos **sãã**  
 e os sãos tira de via **vãã**.*

(Fonte: FONTE, 2011, P. 39)

## 3) (CSM 187)

*E outro dia acharon tanto **pan**  
que os oreis foron chãos de **pran**,  
que les deu Santa Maria sem prender e **afan**,  
ond' o convent' ouve quando em mester avia.*

(Fonte: FONTE, 2011, p. 40)

## 4) (CSM 16)

*Mas con coita grande que tia no **coraçom**,  
com 'ome fora de seu siso, se foi **enton**  
a un sant'abade e disse-ll' en **confisson**  
que a Deus rogasse que lla fizesse gãar.*

(Fonte: FONTE, 2011, p.39)

O primeiro exemplo mostra a convergência de alguns vocábulos em *-ão*, pois várias palavras, como *cão* e *pagão*, são provenientes de terminações diferentes. O segundo trecho exhibe exemplos do sufixo *-ão* e de hiatos, que irão sofrer ação da regra de crase e formar vogais nasais finais - *vã*, *sã*, *cã*. Já os exemplos 3 e 4 apresentam os sufixos *-am* e *-om* sem o processo de ditongação, que ainda iria ocorrer. As cantigas de Santa Maria são uma ótima fonte de verificação das mudanças morfofonêmicas, que ocorreram nos primórdios do português arcaico e, apesar de as terminações *-on* e *-an* ainda se contraporem a *-ão*, elas foram ficando cada vez mais raras até que se consolidaram como [õw] no século XVI.

Os próximos dois exemplos se fazem pertinentes por mostrarem que a terminação *-ão* nem sempre seguiu o padrão histórico descrito na seção anterior, houve também a ocorrência da seguinte evolução ortográfica *sui generis*: *on > am > ão*.

O primeiro foi retirado da reedição da tese de doutorado de 1907 de Nobling. No trabalho o autor analisou as *Cantigas de D. Joan Garcia de Guilhade*, um trovador do século XIII. O exemplo abaixo apresenta uma cantiga de amor do trovador e mostra a terminação *-ão* com a grafia *-on*.

**FIGURA 4 - Cantiga de Amor de D. Joan Garcia de Guilhade**

## CANTIGAS D' AMOR

## 1

	Quexey-m' eu d' estes olhos meus; mays ora (se Deus mi <u>perdon!</u> ) quero-lhis ben de <u>coraçom,</u> e des oy mays quer' amar Deus;	
5	ca mi mostrou quen oj' eu vi: ay! que parecer oj' eu vi!	5
	Sempre m' eu d' amor queyxarey, ca sempre mi d' ele mal ven; mays os meus olhos quer' eu ben, e ja sempre Deus amarey;	
10	ca mi mostrou quen oj' eu vi: ay! que parecer oj' eu vi!	10
	E muy gran queyxum' ey d' amor, ca sempre mi coyta sol dar; mays os meus olhos quer' amar, e quer' amar Nostro Senhor;	
15	ca mi mostrou quen oj' eu vi: ay! que parecer oj' eu vi!	15
	E, se cedo <u>non</u> vir quen vi, cedo murrerey por quen vi.	
20		20

FONTE: NOBLING, 2007, P. 65

Já o segundo exemplo foi retirado do *Cancioneiro Geral* de Garcia de Resende, que apresenta um conjunto de poesias líricas do século XV. O exemplo mostra que a grafia de algumas palavras ainda oscilava entre duas terminações, como *tão - tã e tam*, e outras ainda estavam com o final intermediário, como *coraçam e sam*. Outra característica desse período é a consolidação do ditongo [êj] em *bem, nem*.

### De Duarte de Brito

Que dias **tam** mal gestados!  
 que noytes **tã** mal dormidas!  
 que sonos **tam** desuelados!  
 que soupirons [sic] e cuydados!  
 que tristezas **tam** sentidas!  
 Que lembrança! que pesar!  
 que dor e que sentimento!  
 que gemer! que sospirar!  
 que males pera chorar  
 dentro em meu **coraçam** sento!

Sento sempre meu desejo  
 encontra de mym esquyuo;  
 sento tanto mal que vejo,  
 meu cuydado **tam** sobejo  
 que nam **sam** morto nem vino.  
 Sento certa minha morte,  
 sento **nam** ver minha fym,  
 sem ver bem que me conforte;  
 sento pena de tal sorte,  
 que **nam** sey parte de mym.  
 [...]

Fonte: LEITE DE VASCONCELLOS, 1907, p.60

O próximo exemplo foi retirado do mesmo cancionero acima, *Cancioneiro Geral* de Garcia de Resende. Data da mesma época, século XV, mas apresenta algumas ortografias interessantes. Os ditongos [ãw] e [ěj] e as vogais /ã, ã/ apresentam diferentes formas dentro da mesma cantiga. O ditongo [ãw], principalmente, aparece grafado com todas as suas terminações evolutivas intermediárias: *am, ã, om, õ*.

**De D. João Manoel**

Ouve vê e calla,  
 E viverás vida folgada.  
 Tua porta çerrarás,  
 teu vezinho louuarás,  
 quanto podes **nam** farás,  
 quãto sabes **nã** dirás,  
 quãto ves **nã** julgarás,  
 quãto ou[v]es **nã** crerás,  
 se queres viuer em paz.  
 Seis cousas **sempre** vê  
 quando fallares, te mando:  
 de **quẽ** fallas, onde e quẽ  
 E a **quem**, como e quando;  
**nũca** fyres, **nem** perfyres,  
**nem** a outro enjuries;  
**nõ** estes **muyto** na praça,  
**nem** te rryas de **quem** passa;  
 seja teu todo o que vestes,  
 a rrybaldos **nam** doestes;  
**nam** caualgarás em potro,  
**nẽ** ta molher gabes a outro;  
**nom** cures de ser picam,  
**nẽ** trauar contra rezam.  
 Assy lograrás tas caãs  
 cõ tuas queixadas saãs.

**Fonte: LEITE DE VASCONCELLOS, 1907, p. 63.**

As diferenças gráficas dos exemplos acima podem ser explicadas pelo fato da língua portuguesa ainda não apresentar uma gramática regulamentada. As primeiras gramáticas da língua surgem no século XVI, com a de Fernão de Oliveira em 1536 e a de João de Barros em 1540 (ILARI, 2018). Assim, por último, será analisado um trecho da primeira parte do primeiro canto de *Os Lusíadas*, de Camões, escrito no final do século XVI, quando o ditongo *-ão* já estava consolidado. Todas as terminações desse ditongo, mesmo as verbais terminadas em *-am*, já emergem, foneticamente, como [ãw].

**FIGURA 5 - Trecho de *Os Lusíadas***

**OS LUSIADAS**  
 DE LVIS DE  
 CAMÕES.

Canto primeiro.

**S** armas, & os ba-  
 rões assinalados,  
 Que da Occidental praya Lusita-  
 na,  
 Por mares nunca de antes nau-  
 uegados,  
 Passaram, ainda alem da Taprobana,  
 Em perigos, & guerras esforçados,  
 Mais do que prometia a força humana.  
 E entre gente remota edificarão  
 Nouo Reino, que tanto sublimarão.

E tambem as memorias gloriosas  
 Daquelles Reis, que forão dilatando  
 A Fee, o Imperio, & as terras viciosas  
 De Affrica, & de Asia, andarão deuaftando,  
 E aquelles que por obras valerosas  
 Se vão da ley da Morte libertando.  
 Cantando espalharey por toda parte,  
 Se a tanto me ajudar o eñgenho & arte.

*A* Cessem

Nesse trecho inicial da obra, é possível verificar a consolidação do ditongo *-ão*, o que está de acordo com as análises dos filólogos empregadas no trabalho. A partir do século XVI, portanto, tem-se o fim do período de atuação das regras de nasalização. A língua portuguesa permanecerá com as mesmas terminações nasais até os dias atuais, momento no qual esse fenômeno volta a atuar em alguns dialetos, podendo ser mencionado o dialeto de Cuiabá, que troca *maison* por *maisão*, *bombom* por *bãobão*, e o mineiro que troca *bom* por *bão*.

Assim sendo, os exemplos citados, ainda que breves, confirmam aquilo que foi dito no início deste capítulo sobre a limitação temporal dos processos fonológicos e a necessidade de se fazer recortes sincrônicos para explicá-los.

## 7. CONCLUSÃO

A presente dissertação é uma proposta que procura elucidar a questão da nasalização no português, em especial dos ditongos nasais, em relação às outras línguas românicas. Buscou-se, então, uma justificativa teórica para as alterações históricas ocorridas ao longo dos séculos. O trabalho teve uma orientação majoritariamente diacrônica, apesar de fazer uso de modelos teóricos sincrônicos nas explicações.

Com o intuito de mapear as mudanças morfofonêmicas sucedidas às línguas românicas ocidentais, iniciou-se com uma análise da evolução dessas línguas desde os primórdios latinos até os tempos modernos. Essa verificação histórica tem como objetivo demonstrar os diferentes caminhos percorridos por essas línguas, devido a expansão do império Romano e a própria evolução do latim, além de contemporizar os diferentes períodos do português. Essa leitura, então, permitiu identificar como certas influências linguísticas afetaram esse desenvolvimento linguístico. No caso do português, um maior isolamento territorial dificultou invasões bárbaras, em especial as germânicas, que tanto influenciaram outras línguas, como o francês. O fato de Portugal ter se tornado um Estado independente mais cedo também permitiu uma maior consolidação linguística.

Passou-se, então, para o estudo do vocalismo nas línguas românicas ocidentais. Avaliou-se, primeiro, a passagem do latim clássico para o latim vulgar, uma vez que o quadro vocálico já havia sofrido alterações, principalmente em relação a qualidade das vogais e o acento de intensidade. Depois, tem-se um análise da evolução desses quadros nas seguintes línguas: Italiano, Francês, Espanhol e Português. Neste ponto, foi possível comparar os sistemas linguísticos e perceber suas semelhanças e diferenças. A presença de uma nasalização fonológica obrigatória foi percebida no francês e no português, em oposição à uma nasalidade fonética opcional no espanhol, enquanto o italiano permaneceu sem sinais desse processo assimilatório. Contudo, a nasalização do português se opõe à francesa por apresentar ditongos decrescentes, segmentos nasais fechados e por ter ditongos nasais marcantes, como [õw].

Para se entender melhor o processo de nasalização, foi necessário diferenciar seus dois níveis de ocorrência: primário ou secundário. O primeiro engloba o português e o francês, e permite distinções entre os elementos nasais e orais. Já o espanhol representa o segundo nível,

pois sua nasalidade se dá apenas no momento da fala e não acarreta mudanças lexicais. Acreditava-se, também, que o francês não possuía ditongos nasais, por ser considerado uma nasalização mais completa, porém, existem dois ditongos nasais crescentes, remanescentes do período de nasalização do francês antigo - /jẽ, wẽ/.

A formação de novos ditongos orais e a nasalização do português decorreu de novos encontros vocálicos, ocasionados pela eliminação de hiatos e teve início no século X. Todos os grandes linguistas consultados concordam que o ditongo [õw] é decorrente das três principais terminações latinas *-anu*, *-one* e *-ane*. No entanto, eles discordam em relação ao processo fonológico gerador dessa nasalização. Alguns defendem a analogia, mas não explicam como ou porque os plurais formam terminações nasais distintas ou elucidem a existência dos sufixos *-am* e *-om*, enquanto outros argumentam a favor de um travamento consonântico nasal silábico. Parkinson (1997) e Lipski (1973) enveredaram por uma nova vertente e buscaram explicar o processo através de ditongos fonológicos com núcleos pesados e da teoria Autossegmental, porém, não conseguiram elucidar e justificar todos os pontos necessários. Não obstante essas oposições, o português apresenta hoje cinco vogais nasais - [ã, ê, ĩ, õ, ũ] - e cinco ditongos nasais - [ãj, õj, õw, êj, ũj]. Além disso, foi possível verificar que, durante o período arcaico, o português já apresentava as cinco vogais nasais, que ainda fazem parte da língua portuguesa.

Para se analisar esse fenômeno de maneira mais teórica, o trabalho contém uma revisão de literatura, apresentando as teorias que tentaram explicar a nasalização no português. Esses modelos descritivos possuem uma natureza sincrônica e, embora o trabalho tenha uma orientação diacrônica, eles permitem explicar o processo de nasalização devido à limitação temporal das mudanças. Abriu-se tal apresentação desses modelos com a Teoria Arquifonêmica, que defendia que a língua portuguesa não apresenta vogais nem ditongos nasais reais, ou seja, fonologicamente distinguíveis. Um arquifonema nasal /N/ é usado para explicar a nasalidade desses segmentos nasais. Atualmente esta teoria já foi desfeita, devido a incompatibilidade da existência de um fonema não especificado, como é o arquifonema. Depois, tem-se a análise VV de Parkinson, que promove um elemento oral seguido por um nasal, que compõem um núcleo pesado, possibilitando a formação de ditongos fonológicos. O elemento nasal não pode ser uma semivogal por não existir fechamento silábico, logo ele se caracteriza apenas como [+ soante]. Esse modelo de análise soluciona problemas da teoria

anterior e tenta explicar a transformação das outras duas terminações arcaicas, mas fica aquém. Passou-se, então, à Teoria da Otimidade, elaborada na década de 90. Essa teoria não alcança suas representações de superfície com processos derivacionais, como os outros modelos. Ela trabalha com a formação de *output ótimo* que é determinado a partir de todos os *inputs* possíveis, que são paralelamente avaliados de acordo com um ranqueamento de restrições universais, específico de cada língua, que podem ser minimamente violados. Esse modelo não permite *outputs* múltiplos, mas eles ocorrem na língua mesmo assim, o que o torna pouco confiável.

Por último, foi apresentado o modelo não-linear da Fonologia Autossegmental, que por ser uma abordagem derivativa, permite autossegmentos livres. Esse modelo promove uma representação por camadas independentes, que começa com a representação subjacente e termina com a representação fonética da palavra, após a atuação das regras e restrições necessárias para os processos fonológicos ao longo dessas camadas. A análise permite o espraiamento de traços, que se desligam de seus níveis superiores, facilitando a explicação do processo de nasalização. Além disso, o Princípio do Contorno Obrigatório justifica o ponto de maior dificuldade para os linguistas, a passagem de *-om* e *-am* para *-ão*, uma vez que dois segmentos semelhantes não podem permanecer adjacentes. Ademais, ele esclarece a alteração entre terminações singulares e plurais de palavras como *leão* e *leões*. O caráter sincrônico desse modelo também permite elucidar o motivo pelo qual algumas palavras não formam ditongos - *lã*, *som*. Quando o processo de nasalização ocorreu, esses vocábulos ainda apresentavam a forma intermediária de hiato, cuja terminações nasais ainda não se encontravam em posição final.

Dessa forma, foi possível descrever a evolução das vogais e dos ditongos nasais à partir das terminações latinas, mostrando, assim, a eficácia da teoria Autossegmental como o modelo ideal para teorizar o processo de nasalização no português. Com a ajuda de documentos históricos, como cantigas e registros oficiais, pôde-se verificar as mudanças morfofonêmicas e a alternância dos sufixos - *ão*, *an*, *am*, *on*, *ãa* - em diferentes momentos até a consolidação do ditongo *-ão* no século XVI.

O objetivo deste estudo é apresentar uma proposição teórica para a nasalização da língua portuguesa, em especial, o surgimento do ditongo [ãw]. Tentou-se abordar, de forma ampla, as diferentes evoluções linguísticas românicas, além de todas as teorias existentes

sobre o assunto. Não obstante as limitações documentais e a falta de consenso teórico, acredita-se que o trabalho tenha contribuído para o preenchimento de algumas lacunas existentes nas pesquisas fonológicas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BASSETTO, Bruno Fregni. **Elementos de Filologia Românica: História Externa das Línguas Românicas**. Vol. 1. 2ª Ed. 1ª reimp. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2013.

BASSETTO, Bruno Fregni. **Elementos de Filologia Românica: História Interna das Línguas Românicas**. Vol. 2. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2010.

BATTISTI, Elisa. **A Nasalização no Português Brasileiro e a Redução dos Ditongos Nasais Átonos: Uma abordagem baseada em restrições**. 1997. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) - Instituto de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1997.

———. A nasalização no português brasileiro pela teoria da otimidade. **Revistas Estudos Linguísticos**, Belo Horizonte, v. 7, n. 1, p.59-89, Jan/Jun. 1998.

BATTISTI, Elisa; DE OLIVEIRA, Samuel Gomes. Elevação da vogal /a/ em contexto nasal em português brasileiro: Estudo preliminar. **Linguística**, Vol. 35-1, Junho, 2019, p. 35-55.

BISOL, Leda. O ditongo na perspectiva da fonologia atual. **D.E.L.T.A.**, v. 5, n.2, p.185-224, 1989.

——— (Org.). **Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro**. 5ª Ed., rev. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2014.

BOURCIEZ, Édouard. **Éléments de Linguistique Romane**. 4ª Ed. Paris: Librairie C. Klincksieck, 1956.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Análise Fonológica: Introdução à teoria e à prática, com especial destaque para o modelo fonêmico**. 1ª reimpressão. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2008.

CAMARA JR., J. Mattoso. **Para o Estudo da Fonêmica Portuguesa**. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Padrão - Livraria Editora Ltda, 1977.

CAMÕES, Luís de. **Os Lusíadas**. Lisboa: Casa de Antônio Gonzales Impressor, 1572.

CASTELLANI, Arrigo. **Gramatica storica della lingua italiana**. Vol. 1. Bologna: Società editrice il Mulino, 2000.

CASTRO, Ivo. **Introdução à história do português**. 2ª Ed. (Extra-coleção). Lisboa: Edições Colibri, 2011.

COHEN, Marcel. **Histoire d'une langue: Le Français**. 2<sup>a</sup> Ed. Paris: Les Éditions Français Réunis, 1950.

COUTINHO, Ismael de Lima. **Pontos de gramática histórica**. 7<sup>a</sup> Ed. rev. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1976.

DIEGO, V. Garcia de. **Elementos de gramática histórica castelhana**. Burgos: El Monte Carmelo, 1914.

FONTE, Juliana Simões. As terminações nasais do português antigo. **Moara**, n.36, p.24-42, jul-dez, Estudos Linguísticos, 2011.

GOODIN-MAYEDA, C. Elizabeth. Perceptual compensation for acoustic effects of nasal coupling by Spanish and Portuguese listeners. **Selected Proceedings of the 5th Conference on Laboratory Approaches to Romance Phonology**. Editado: Scott M. Alvord, p.75-83, Somerville, MA: Cascadia Proceedings Project, 2011.

GOLDSMITH, John A. Autosegmental Phonology. 1976. Tese (Doctor of Philosophy) - Massachusetts Institute of Technology (MIT).

GREENBERG, Joseph H. Synchronic and Diachronic Universals in Phonology. **Language**, Vol. 42, No. 2 (Abril - Junho), 1966, p. 508-517.

HRICSINA, Jan. Evolução do sistema vocálico do latim clássico ao português moderno (tentativa da verificação *in corpora*). **Études Romane de Brno**, vol. 34, n.2, p. [205]-225, 2013.

HUBER, Joseph. **Gramática do português antigo**. Tradução: Maria Manuela Gouveia Delille. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1986.

ILARI, Rodolfo. **Linguística Românica**. 2<sup>a</sup> Ed. São Paulo: Contexto, 2018.

LEITE DE VASCONCELLOS, José. **Textos Archaicos**. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1907.

———. **Lições de Philologia Portuguesa**. Lisboa: Livraria Clássica Editora de A. M. Teixeira & Cia, 1911.

LIPSKI, John M. Binariness and Portuguese vowel raising. **Zeitschrift for Dialektologie und Linguistik**, v. 40, p. 16-28, 1973a.

———. The surface structure of Portuguese: plurals and other things. **Linguistics**, v. 111, p. 67-82, 1973b.

———. Portuguese *vinho*: diachronic evidence for biphonemic nasal vowels. **Acta Linguística Hafniesia: International Journal of Linguistics**, v.14:2, p.243-251, 1973c.

———. On the Evolution of Portuguese *-ão*. **Vox Romanica**, v. 32, p. 95 -107, 1973d.

———. Brazilian Portuguese vowel nasalization: secondary aspects. **Canadian Journal of Linguistics/Revue Canadienne De Linguistique**, v. 20:1, p. 59-77, 1975.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. **O português arcaico: fonologia, morfologia e sintaxe**. 2ª Ed., 1ª reimpressão - São Paulo: Contexto, 2015.

MATZENAUER, Carmen Lúcia Barreto. Introdução à Teoria Fonológica. *In*: BISOL, Leda. (Org.). **Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro**. 5ª Ed., rev. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2014.

MIGLIORINI, Bruno. **Storia della Lingua Italiana**. 1ª Edição Digital - Milano: Giunti Editore S.p.A/Bompiani, 2019.

MORAES, João Antônio de; WETZELS, Leo W. Sobre a duração dos segmentos vocálicos nasais e nasalizados em português. Um exercício de fonologia experimental. **Caderno de Estudos Linguísticos**, Campinas, n.23, Jul/Dez, p.153-166, 1992.

NOBILING, Oskar. **As Cantigas de D. Joan Garcia de Guilhade e Estudos Dispersos**. Organização, introdução e notas: Yara Frateschi Vieira. Niterói: EdUFF, 2007.

NUNES, José Joaquim. **Compêndio de gramática histórica portuguesa**. 2ª Ed. Lisboa: Livraria Clássica Editora. 1930.

PARKINSON, Stephen. Portuguese nasal vowels as phonological diphthongs. **Lingua**, v. 61, Issues 2-3, 1983.

———. Aspectos teóricos da história das vogais nasais portuguesas. *In*: Associação Portuguesa de Linguística (Org.). **Actas do XII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística**, v.2, p.253-272, 1996.

PIDAL, R. Menéndez. **Manual de gramática histórica española**. Madrid: Librería general de Victoriano Suárez, 1904.

SCHANE, Sanford A. **Generative Phonology** (Foundations of modern linguistics). Englewood Cliffs, N.J.: Prentice-Hall, INC., 1973.

SILVA, Thaís Cristófar. **Fonética e Fonologia no Português: roteiro de estudos e guia de exercícios**. 10ª Ed., 6ª reimpressão - São Paulo: Contexto, 2015.

SILVA NETO, Serafim da. **História da língua Portuguesa**. Prefácio: Sílvio Elia / Apresentação: Celso Cunha. 3ª Ed. Rio de Janeiro: Presença; Brasília: INL, 1979.

TAGLIAVINI, Carlo. **Le Origini delle Lingue Neolatine**: introduzione alla filologia romanza. 6ª Ed. - Bologna: Casa Editrice Prof. Riccardo Pàtron, 1972.

TEYSSIER, Paul. **História da língua portuguesa**. Tradução: Celso Cunha. 4ª Ed. São Paulo: Martins Fontes - selo Martins, 2014.

VAISSIÈRE, Jaqueline. From Latin to Modern French: on diachronic changes and synchronic variations. **AIPUK**, Arbeitisberitche, Institut für Phonetik und digitale Sprachverarbeitung. Universität Kiel, pp. 61-74, 1996.

WETZELS, Leo W. The lexical representation of nasality in Brazilian Portuguese. **Probus**, n.9, p. 203-232, 1997.

WILLIAMS, Edwin B. **From Latin to Portuguese**: Historical Phonology and Morphology of the Portuguese Language. 2ª Ed. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1962.